

**BESTSELLER INTERNACIONAL**

**30 MILHÕES  
DE LIVROS  
VENDIDOS**

CAMILLA  
**LÄCKBERG**  
HENRIK  
**FEXEUS**  
**A SEITA**



**SUMA**  
LIVROS



CAMILLA LÄCKBERG E HENRIK FEXEUS

# A SEITA

Tradução de  
ELIN BAGINHA





Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

A SEITA

Título original: *Kult*

© 2022, Camilla Läckberg & Henrik Fexeus

Publicado por acordo com Nordin Agency AB, Suécia

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

penguinlivros.pt

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Elin Baginha

Revisão: Rui Augusto

Paginação: Aresta Criativa – Artes Gráficas

Capa: André Cardoso

Fotografia dos autores © Elisabeth Toll

1.ª edição: setembro de 2023

Depósito legal: 518661/23

ISBN: 978-989-784-711-0

Esta obra foi composta em Kepler  
e impressa sobre papel Holmen Book Cream 70 g 1.8  
Impressão e acabamento: Printer Portuguesa

SL47110

## PRIMEIRA SEMANA

Pela que poderá ser a centésima vez, Fredrik verifica que nada está visível através do saco de plástico; não quer revelar a surpresa antes do tempo. O sol de verão queima-lhe o rosto, devem estar vinte e nove graus lá fora, mas, apesar do calor, escolhe caminhar desde o escritório em Skanstull até ao jardim de infância de Ossian, perto da zona de Zinkensdamm. Apesar de ser quarta-feira, conseguiu sair do escritório um pouco mais cedo do que o habitual. Ninguém tem paciência para pensar em horários de trabalho rigorosos quando está tanto calor; os seus colegas, ou grande parte deles, também já devem estar sentados numa esplanada à sombra, com uma cerveja gelada na mão.

Embora a caminhada demore apenas cerca de vinte minutos, Fredrik lembra-se de que devia ter trazido uma garrafa de água, tendo em conta o calor intenso. Já teve de despir o *blazer* e arregaçar as mangas da camisa; tem o tecido colado às costas devido ao suor. Mas não se importa, hoje tudo corre precisamente como o previsto.

Verifica o saco de plástico novamente. A caixa com o *kit Lego Technic* é tão grande que chega quase às alças do saco. É um *McLaren Senna GTR*. O fascínio de Ossian por carros continua a ser um mistério; tanto Fredrik como Josefin têm um desinteresse quase militante por carros, mas o bichinho dos legos é partilhado entre pai e filho.

A indicação da faixa etária na caixa é 10+, e Ossian só tem cinco anos, mas Fredrik sabe que o filho vai resolver aquilo sem problemas, é um miúdo esperto. Às vezes, ainda mais esperto do que o pai, pensa Fredrik, e ri-se alto, virado para o sol. Um pai tão inteligente que acaba de comprar uma surpresa que implica horas de atividade dentro de casa, num dos melhores dias de verão do ano. Mas pronto, agora não há nada a fazer, amanhã de certeza que também estará bom tempo.

Além do mais, Ossian já passou o dia todo ao ar livre, algo de que realmente precisa. Quando não está concentrado nos seus legos, quase trepa

as paredes de casa. Por vezes, Josefin pergunta-se se o filho não deveria ser observado para que se chegasse a um diagnóstico, mas não faz menção disso, pelo menos por enquanto. O nível de atividade de Ossian é, até agora, algo que veem como positivo, especialmente quando o comparam com aquelas crianças do jardim de infância que, aos cinco anos, deitam logo a mão aos telemóveis dos pais assim que eles os vão buscar. Trágico.

Ao chegar ao jardim de infância situado no bairro de Backen, Fredrik olha para o relógio e constata que, apesar do calor, caminhou tão depressa que chegou antes da hora. Provavelmente, ainda estarão a brincar no parque de Skinnarvik.

— *Hey, sexy lady...* — murmura Fredrik, enquanto sobe a colina por trás do jardim de infância.

*Gangnam Style* é a nova canção favorita de Ossian, e o melhor é não tentar resistir, pensa Fredrik, rindo para consigo. Até já treinaram a coreografia da música juntos.

No topo da colina há um grande parque infantil e algumas árvores, onde as crianças podem brincar. Para Ossian, é uma verdadeira floresta, e ele adora florestas.

— *Oppa Gangnam Style!* — canta Fredrik, e algumas crianças, que quase nem lhe chegam aos joelhos, olham para ele perplexas, antes de continuarem com as suas brincadeiras.

As crianças estão vestidas com coletes amarelos com logotipos de diversas escolas. É um parque infantil muito popular. Os gritos e as gargalhadas das crianças impregnam o ar, o *Lego Technic* provavelmente terá de ficar para outra altura; este dia parece feito especialmente para brincar às escondidas atrás das árvores. Também não têm pressa de ir para casa; Josefin prometeu tratar do jantar. Fredrik olha à sua volta e vê Tom, um dos educadores do jardim de infância de Backen.

— Olá! — diz Fredrik, sorrindo a Tom, que está ocupado a limpar ranho espesso do nariz de uma das crianças.

— *Opp, opp, opp, opp* — responde Tom alegremente, numa melodia bem familiar. — Adivinhe quem é que escolheu a música da aula de dança hoje?

— Eu avisei-vos, vão ter trinta crianças a dançar o *Gangnam Style* antes do final da semana! E sabe onde é que o astro da dança está? Não o vejo.

Tom acaba de limpar o nariz à criança e reflete por alguns segundos.  
— Procure nos baloiços — diz. — Ele gosta de ficar lá sentado.

Claro, quando Ossian não está na fase hiperativa, gosta de andar de baloiço. Ou melhor, adora estar sentado no baloiço; é uma espécie de santuário onde pode pensar nas coisas importantes sem ser perturbado.

Fredrik vai até aos baloiços. Estão todos ocupados, mas Ossian não se encontrava em nenhum deles. Felicia, uma das amigas um pouco mais velhas de Ossian do jardim de infância, vai a afastar-se e Fredrik apressa-se para a alcançar.

— Olá, Felicia. Viste o Ossian?

— Não, só antes.

Fredrik franze a testa; uma leve sensação de que algo está errado começa insidiosamente a emergir. Sabe que é um sentimento irracional, que resulta de um radar parental demasiado protetor, que é acionado assim que algo possa estar errado, e que não se importa minimamente se existem provas disso ou não. Algo que certamente teria sido um bom instinto de sobrevivência na savana, mas que ali é completamente injustificado. Racionalmente, Fredrik sabe que é disso que se trata, mas a racionalidade não o ajuda de todo, a sensação continua a enrolar-se desconfortavelmente à volta do seu pescoço, como uma brisa fria. A grande caixa de legos que até ali lhe parecera tão emocionante agora está sobretudo a estorvá-lo, enquanto se apressa a voltar para junto de Tom.

— Ele também não está nos baloiços — diz Fredrik.

— Que estranho...

Tom olha para uma lista com nomes de crianças.

— Ele devia estar... Ah, sim, espere. A Jenya foi lá para dentro com o grupo dos mais novos. O Ossian deve ter ido com eles, para ir à casa de banho, e depois ficou por lá. Desculpe, a Jenya devia ter dito que o levou com ela... mas sabe como é...

Sim, Fredrik sabe como é, e a sensação de que algo está errado desaparece. Solta um suspiro de alívio; tanto Tom como Jenya são educadores muito competentes, mas as crianças também têm vontade própria, assim como uma capacidade infalível de não estarem onde se espera que estejam. Sente pena de Tom quando vê como ele está envergonhado, pois, quando

uma pessoa tem à sua responsabilidade crianças pequenas, não se pode descuidar; de certeza que outros pais teriam feito uma cena por menos.

— Claro que sim — responde. — Bom fim de semana, Tom, vemo-nos na segunda-feira. *Oppa, oppa!*

Fredrik desce a colina quase a correr, de regresso ao edifício do jardim de infância. A porta está aberta; Fredrik entra para o corredor onde estão os cabides com os nomes de cada criança e as caixas com mudas de roupa. O cabide de Ossian está vazio. Isso por si só não significa grande coisa; se Ossian voltou para dentro para ir à casa de banho, o seu casaco pode perfeitamente ter ficado esquecido no chão da casa de banho. Ou mesmo no parque infantil, tendo em conta o calor que se faz sentir. Fredrik nem sequer devia ter vestido o casaco ao filho num dia como aquele, que despassarado. Ossian provavelmente passou o dia cheio de calor.

Fredrik não se dá ao trabalho de descalçar os sapatos antes de entrar.

— Ossian? — chama e bate na primeira das duas portas da casa de banho. — Ossian, estás aqui?

Jenya vem a andar pelo corredor, na sua direção. Atrás dela, as crianças de dois anos atiram tinta umas às outras, enquanto soltam gritos tanto de excitação como de nojo.

— Olá, Fredrik — diz Jenya. — Esqueceram-se de alguma coisa? O Ossian está lá em cima no parque com o Tom.

A sensação de que algo não está bem volta com tanta força que quase o derruba. Agora já não é uma leve brisa na nuca, agora é um murro no estômago.

— Ele não está no parque — diz Fredrik. — Acabei de vir de lá e o Tom disse que ele devia estar contigo.

— Não, ele aqui dentro não está. Já foi ver nos baloiços?

— Sim, já disse que ele não está lá. Merda!

Fredrik vira as costas e sai a correr novamente. Já aconteceu crianças fugirem do jardim de infância. Como Felicia, que uma vez conseguiu fazer todo o caminho até casa, antes de os educadores se aperceberem de que tinha desaparecido. Os seus pais devem viver permanentemente com um aperto no estômago desde esse dia. Fredrik pergunta-se se seria possível habituar-se a essa sensação. Odeia-a.

Corre colina acima, com a maldita caixa de legos a bater-lhe na perna. Há crianças por todo o lado, procura desesperadamente entre elas, ao mesmo tempo que tenta acalmar-se. Nada ficará melhor, nem será mais fácil, se entrar em pânico. Porém, Ossian não se encontra entre aquelas crianças.

Nenhuma delas é o seu filho.

Tom arregala os olhos quando vê que Fredrik está de volta. Parece compreender a situação de imediato.

— Ele tem de estar aqui — diz Fredrik, e larga o saco para poder mover-se mais rapidamente pelo parque.

Tom pergunta às crianças que estão mais próximas se viram Ossian. As casinhas de madeira. Ossian pode ter-se escondido nas casinhas de madeira. Fredrik corre para elas, mas, já de longe, consegue ver que estão vazias. Onde mais poderá... Certamente que não estará entre as árvores. Pelo menos sozinho. Alguém daria conta se fosse esse o caso.

Felicia.

Felicia disse que tinha visto Ossian antes.

Fredrik corre de volta para junto de Tom e das outras crianças. Tem a garganta a arder do esforço físico e o suor escorre-lhe da testa e ao longo das costas. Felicia está ali a construir um castelo de areia com um balde. Como se nada de especial estivesse a acontecer. Como se o mundo não estivesse a desabar.

— Felicia — diz Fredrik, esforçando-se por não soar tão descontrolado como se sente por dentro. — Disseste que viste o Ossian antes. Quando é que isso foi?

— Quando ele estava a falar com a senhora má — responde Felicia, sem desviar os olhos da sua construção de areia.

— A senhora má... — repete Fredrik, e a sua garganta transforma-se imediatamente em lixa. — Era uma senhora velha?

Felicia abana decididamente a cabeça, enquanto achata o castelo com uma pá.

— Não era velha — responde. — Era como a minha mãe. Ela fez anos, por isso agora já tem trinta e cinco.

Fredrik engole em seco. Alguém esteve ali. Alguém esteve ali e falou com o seu filho. Alguém que não era um educador ou um pai.

Um desconhecido. Fredrik agacha-se ao lado de Felicia, resistindo ao impulso de a sacudir.

— Sabes quem era essa senhora? — pergunta-lhe, esforçando-se por não levantar a voz. — E porque é que dizes que ela era má?

Felicia levanta o olhar do castelo de areia com lágrimas nos olhos. Fredrik dá um passo atrás para não perder o equilíbrio. Vê-o no olhar de Felicia, já sabe muito bem o que aconteceu, aquilo que nunca deve acontecer. Aquilo que nunca *pode* acontecer.

— Eu não quis saber dos carrinhos de brincar dela para nada — diz Felicia. — O Ossian gostou deles, eu não. Mas eu também queria dar festas aos cãezinhos; ela disse que estavam dentro do carro, mas que eu não podia ir, só o Ossian é que podia ir vê-los. E depois foram-se embora.

Um buraco negro abre-se no peito de Fredrik, por onde ele cai de cabeça.

Mina colocara-se à porta de entrada, a inspecionar o local. Não estava muita gente no ginásio naquela tarde. Ainda bem. E as poucas pessoas que lá estavam eram na maioria mais velhas. Os jovens do ensino secundário, as mulheres do *crossfit* e os homens musculados já lá tinham estado. Às três da tarde de um dia de semana, eram os seniores que reinavam no ginásio, pelo menos durante uma hora. O que era bom para Mina, porque eram consideravelmente mais cuidadosos com a limpeza das máquinas, depois de as utilizarem, bem como depois dos brutamontes suados que lá tinham estado antes. Não que Mina pensasse correr qualquer risco: no bolso do casaco de treino trazia, como sempre, um par de luvas finas descartáveis, dois pequenos frascos de *spray* desinfetante, panos de microfibras e um saco de plástico com fecho, onde podia colocar tudo o que utilizasse.

No programa de treino de hoje estavam as pernas e o tronco. Mina calçou as luvas e dirigiu-se para uma das máquinas de exercícios de pernas que estava livre, onde começou a pulverizar minuciosamente todas as peças. Já tinha reparado que algumas pessoas só borrifavam os manípulos das máquinas, ou pior, apenas o assento, mas a sujidade e as bactérias das outras pessoas podiam ir parar a todo o lado. Não conseguia compreender tanto descuido.

Dobrou o pano ao meio, colocou-o no saco de plástico com fecho e pegou num novo. Entrar no ginásio era como entrar num potencial foco de infeções, e por isso seria impossível treinar no ginásio da esquadra; Mina sabia muito bem a quantidade de javardos que por lá pululavam. Aqui, pelo menos, não precisava de olhar para a javardice.

Idealmente, teria preferido treinar com máscara de proteção, dado o que provavelmente se espalhava pelo ar ali dentro. Já tinha ouvido dizer que quem levantava pesos muitas vezes se descuidava com o esforço, e até ficava com dificuldade em respirar quando pensava nas bactérias fecais

que corriam pelo sistema de ventilação. No entanto, treinar de máscara só chamaria a atenção, o que era desnecessário. Por outro lado, talvez pudesse arranjar uma máscara de simulação de altitude, como as que algumas pessoas usavam para exercitar os músculos respiratórios.

— Vai treinar ou vai fazer limpezas? Se já tiver acabado, eu gostava de usar essa máquina.

Mina sobressaltou-se e levantou os olhos do apoio das costas que estava a limpar. Um homem na casa dos setenta anos, com óculos redondos pequenos e cabelo grisalho, estava à sua frente com ar inquisidor. Vestia uma *T-shirt* vermelha, não uma *T-shirt* desportiva feita de material respirável, mas uma *T-shirt* normalíssima de algodão. Com uma enorme mancha escura de suor no peito. Mina estremeceu.

— Sabe quão pouco higiénica essa *T-shirt* de algodão é? — perguntou-lhe. — Fica encharcada em suor, que depois passa para as máquinas. Não devia ser permitido treinar com esse tipo de roupa.

O homem lançou-lhe um olhar assassino; depois abanou a cabeça e foi-se embora. Aparentemente, Mina não valia o seu tempo. Não que ela se importasse minimamente com isso. Passou o pano mais algumas vezes no encosto, antes de o enfiar no saco de plástico, juntamente com as luvas. Sentou-se então na máquina e ajustou os pesos. O homem com a *T-shirt* vermelha estava a fazer exercícios de braços na barra suspensa, de costas para ela. Claro que também tinha uma enorme mancha de suor nas costas, e Mina torceu o nariz: se a escolha era entre ser popular e permanecer saudável, então era óbvio que, para ela, a questão nem se colocava. As pessoas que ficassem com as suas bactérias e o seu olhar reprovador.

Mina estava habituada a que os outros pensassem nela como um extraterrestre, mas não precisava deles na sua vida; aquela história de sentimentos de pertença a um grupo era provavelmente um mito, como o das almas gémeas, o amor verdadeiro e outros conceitos irreais comercializados por Hollywood, o que só provocava ansiedade nas pessoas normais. Até sabia de estudos que demonstravam que era realmente assim; tinha lido algures que as pessoas classificavam as suas relações e os seus parceiros como menos positivos depois de assistirem a comédias românticas. Porque nenhuma relação da vida real podia corresponder à ideia inventada de «amor eterno».

Ela própria não se sentira ligada a rigorosamente ninguém nos últimos tempos. Nem em tempos passados, aliás, com a exceção do pouco tempo que passara com a sua filha. No entanto, o homem com quem em tempos vivera não evocava propriamente sentimentos calorosos. Não, não havia nada de «pertença» ali, com ninguém.

A não ser...

Com ele.

O mentalista.

Mas isso já tinha sido há muito tempo.

Mina vira o anúncio ao novo espetáculo de Vincent no Facebook. E estivera quase para comprar um bilhete. Mas não o fizera. Não sabia como reagiria se o visse num palco. E se ele não a reconhecesse na plateia?

E se a reconhecesse?

Mina franziu a testa. Era melhor manter a distância, pelo sim, pelo não. Afinal de contas, ele nem sequer voltara a contactá-la. Claro que Mina percebia porquê. Para começar, Vincent tinha uma família, e Mina não estranhava que a sua mulher se tivesse perguntado o que é que ele e Mina tinham andado a fazer naquela altura, há quase dois anos. Vincent contara-lhe que Maria era uma pessoa extremamente ciumenta, e os acontecimentos na ilha dificilmente teriam sido benéficos nesse aspeto. Mina quase morrera, juntamente com Vincent. Seria razoável que a mulher de Vincent a odiasse depois disso. Não que a culpa tivesse sido sua; de qualquer forma, Mina é que era a agente de autoridade.

Além disso, ela e Vincent tinham partilhado algo que não era possível explicar a outras pessoas. E os acontecimentos em Lidö uniram-nos ainda mais do que antes. Ao mesmo tempo, era precisamente essa ligação que tornara difícil manterem o contacto. Tinham-se tornado muito próximos um do outro, mais próximos do que Mina conseguira suportar. Por isso, era melhor assim. Mantendo-se sozinha, estava dentro do seu forte, estava segura. E Vincent provavelmente sentia o mesmo.

Mas, ainda assim.

— Lembrem-se de uma coisa — disse Vincent —, aquilo que vão ver agora não é real. É uma demonstração de como se pode apresentar capacidades sobrenaturais sem se ter de facto alguma. E acreditem em mim: eu não tenho, de todo, essas capacidades!

Vincent ergueu uma sobrancelha num silencioso «ou terei?». Cerca de metade do público riu-se, mas foi um riso forçado, um riso inseguro. O que era precisamente a sua intenção.

A sala de concertos e congressos de Linköping estava esgotada, apesar de ser um dia de semana. Mil e duzentas pessoas, vindas tanto da cidade como das localidades vizinhas, para verem o Mestre Mentalista, a uma quarta-feira à noite. Na realidade, era um público demasiado numeroso para o seu gosto, mas a sua participação na investigação dos homicídios há quase dois anos gerara muita atenção mediática. Se antes não era ainda uma figura pública, isso mudou certamente depois. Não ele próprio, claro. Ninguém sabia quem Vincent era. Mas o Mestre Mentalista, a figura que a comunicação social adorava. E o público também. Os bilhetes vendidos tinham duplicado depois da notícia de que Vincent quase morrera num tanque de água.

Não obstante, Umberto conseguira manter os detalhes mais privados sobre o envolvimento de Vincent no caso fora da comunicação social. O que era a única razão pela qual ainda tinha uma carreira. O público provavelmente teria olhado para ele com outros olhos se soubesse que, por sua causa, ainda que indiretamente, três pessoas tinham sido assassinadas. Claro que Vincent era inocente, pelo menos no que dizia respeito aos homicídios, mas inocência era sempre um termo relativo para a imprensa. Por esse motivo, ele e o seu agente tinham feito os possíveis para manter em segredo tanto quem Jane era como a sua motivação, algo que fora facilitado pelo facto de Jane e Kenneth terem desaparecido da face da Terra.

O jornal *Expressen* fizera uma tentativa de investigar a história da sua mãe, mas Umberto descobrira e acabara com os inquéritos de imediato. Ameaçara que o jornal nunca mais receberia nenhum comunicado de imprensa, ou qualquer entrevista com os artistas que ele representava, se publicassem alguma coisa. Estariam realmente dispostos a sacrificar a porta de entrada para metade do mundo do entretenimento na Suécia só por uma história sensacionalista? A resposta foi «não», obviamente. Vincent assumiu que o temperamento latino de Umberto também teria ajudado.

O detalhe de que os assassinos tinham associado as letras do seu nome às datas dos homicídios, no entanto, espalhara-se pela comunicação social. Era uma história demasiado boa para não ganhar vida própria. Depois disso, as pessoas começaram a enviar enigmas, charadas e quebra-cabeças para Vincent, sem pensar em quão insensível isso realmente era. Por outro lado, se as pessoas fossem fáceis de compreender, ele nunca se teria tornado mentalista.

— Aquilo que eu vou fazer agora pode parecer uma coisa saída do século passado — continuou. — Mas os mesmos métodos ainda são utilizados para iniciar movimentos religiosos. E seitas, inclusive.

O palco estava decorado como um salão do final do século XIX, e Vincent usava trajes desse período. Duas poltronas de couro estofadas tinham sido colocadas de frente uma para a outra; numa delas estava sentado um homem, visivelmente nervoso.

Vincent perguntara anteriormente se havia alguém na plateia com formação em medicina, ou que pelo menos soubesse medir a pulsação, e o homem fora uma das pessoas que levantara o braço. Quando Vincent o convidara a subir ao palco, o homem mostrara-se completamente calmo; na verdade, até se rira. Porém, depois de Vincent o convencer a assinar um papel que declarava que o homem não tinha qualquer responsabilidade, médica ou legal, pelo que ia acontecer, e que Vincent assumia a total responsabilidade pelas suas ações, o homem ficara consideravelmente mais nervoso. E não só ele, todo o público também. Vincent adorava aquilo. O contrato assinado era uma forma fácil de criar uma situação dramática, mas, quando pedia a assinatura de alguém, Vincent também se recordava de que o número poderia realmente correr mal.

— Então, Adrian — disse, sentando-se na poltrona vazia, ligeiramente na diagonal em relação ao homem. — Vamos tentar entrar em contacto com o outro lado. Com o mundo dos mortos. Tem algum parente falecido com quem deseje entrar em contacto? Estou a ter uma sensação de saudade do seu lado, mas acho que não é da sua avó materna... porque sinto que ela ainda está viva... mas talvez... o seu avô? Sente falta dele?

O homem riu-se, um pouco nervoso, e contorceu-se na poltrona.

— Sim, a minha avó Elsa ainda está viva — respondeu. — Mas o meu avô Arvid morreu há dez anos. Avô materno, portanto.

Era um truque simples, qualquer médium conseguia fazer aquilo. Era uma dedução básica; o homem parecia ter pouco menos de trinta anos, o que queria dizer que os pais deviam ter entre os cinquenta e os sessenta anos. E os pais deles, por sua vez, entre os oitenta e os noventa. Uma vez que a esperança média de vida das mulheres é superior à dos homens, era estatisticamente mais provável que a avó estivesse viva, mas não o avô. Em qualquer outro contexto, Vincent teria sentido vergonha por ter usado aquele *bluff*, principalmente quando viu como o homem à sua frente ficou comovido. Mas aquele truque era precisamente sobre como se enredava alguém, como se conquistava a sua confiança e, finalmente, o seu dinheiro. Assim sendo, todos os meios eram permitidos.

— Então, vamos lá tentar encontrar o seu avô Arvid — disse Vincent. Depois olhou para a plateia. — E, mais uma vez, isto não será real. — Virou-se para Adrian com ar sério. — Agora vou entrar em contacto com o outro lado — anunciou-lhe. — Mas, para o conseguir fazer, primeiro preciso eu próprio de... passar.

Vincent pegou num cinto e levantou-o para que toda a gente o pudesse ver. Depois, enrolou-o à volta do pescoço e passou a ponta através da fivela para criar um laço. Estendeu o braço esquerdo para o homem, que começava a parecer cada vez mais pálido.

— Meça a minha pulsação — pediu-lhe. — E vá batendo com o pé ao ritmo dos meus batimentos cardíacos, de forma que todos o possam ouvir.

O homem agarrou-lhe o pulso e passou alguns segundos a procurar a pulsação com os dedos indicador e médio até estar satisfeito. Depois começou a bater ritmicamente com o pé no chão, a acompanhar os batimentos cardíacos de Vincent. Vincent olhou-o nos olhos.

— Vemo-nos quando eu voltar — disse. — Assim espero. Continue sempre a seguir o meu pulso com o pé.

Depois apertou o cinto à volta do pescoço e fez um esgar. Aquela parte não precisava de fingir, magoava-o de verdade. Continuou a manter o cinto apertado, enquanto Adrian batia com o pé no chão ao ritmo da sua pulsação. Ao fim de alguns segundos, o bater do pé de Adrian começou a abrandar.

Vincent fechou os olhos e deixou a cabeça pender para a frente, mas sem largar o cinto. Adrian bateu o pé mais algumas vezes, antes de parar. Um burburinho nervoso e de choque percorreu o público. Adrian continuava a segurar-lhe o pulso, mas já não batia com o pé. O significado daquilo era claro como a água, Vincent já não tinha pulsação. Acabara de se estrangular a si próprio.

Vincent esperou até ouvir as pessoas na plateia começarem a contorcer-se nas cadeiras. Esse era o sinal de que estavam a ficar verdadeiramente assustadas. Então, ergueu lentamente a cabeça e largou o cinto. Depois virou-se para Adrian e olhou para ele com os olhos enevoados.

— Adrian — murmurou.

Adrian sobressaltou-se.

— Um espírito está aqui na sala e diz que se chama Arvid — continuou Vincent com a voz rouca. — Vamos confirmar que se trata mesmo do seu avô. Pergunte-lhe alguma coisa que só você e ele poderiam saber, talvez algo sobre a sua infância. O Arvid diz... o Arvid diz que o ensinou a andar de bicicleta? Talvez algo sobre isso?

Adrian assentiu com a cabeça, claramente confuso.

— Pergunte-lhe onde é que eu me magoei — disse.

Vincent ficou em silêncio durante alguns segundos, como se estivesse a escutar uma voz que só ele podia ouvir.

— Fez uma ferida no joelho — disse. — E combinaram que não iam dizer nada à sua mãe. Ainda hoje tem uma cicatriz.

Adrian soltou o braço de Vincent, com uma expressão visivelmente chocada. A verdade era que a maioria das pessoas tinha a memória de ter esfolado o joelho na infância. A restante conversa de Vincent fora um puro palpite. Porém, as memórias eram coisas vulneráveis; mesmo que não tivesse acontecido tal como ele disse, na cabeça de Adrian seria assim, a partir de agora.

— O Arvid tem uma mensagem para si — continuou Vincent. — Ele diz... diz que tem de ser persistente e acreditar em si próprio. Que tudo vai correr pelo melhor, só vai demorar um pouco mais do que tinha planeado. Mas que não pode perder a esperança. Percebe o significado disto?

Adrian assentiu com a cabeça, em silêncio.

— Está a falar sobre o meu negócio — respondeu. — Foi a última coisa de que falámos, antes de ele morrer. Ainda não consegui avançar.

— Ele também diz que se arrepende do que aconteceu. O que é que isso quer dizer?

— Não falámos muito nos últimos anos — respondeu Adrian em voz baixa. — Tivemos uma discussão.

— Sim, ele está arrependido. Também diz que o amava nessa altura e continua a amá-lo agora.

As lágrimas começaram a correr pelo rosto de Adrian. Vincent criava um grande impacto com aquela parte do espetáculo, mas, ao mesmo tempo, detestava ver a força com que aquilo afetava as pessoas. Limitava-se a aproveitar-se do chamado efeito Barnum, que consistia em fazer declarações que soavam específicas, mas que eram extremamente abertas à interpretação e que se adequavam à grande maioria das pessoas. O truque clássico que os médiuns utilizavam era deixar o cliente chegar ao significado daquilo que os «espíritos» lhe diziam, porque assim o médium nunca podia estar errado. Quando algo não fazia sentido, podiam simplesmente dizer que era o cliente que não estava a fazer a associação de ideias correta.

— O contacto está a ficar mais fraco — disse Vincent, em esforço. — Tem alguma coisa para dizer, antes que seja tarde demais?

— Apenas... obrigado — sussurrou Adrian. — Obrigado.

Vincent esticou o braço e deixou a cabeça pender novamente para a frente, visivelmente inconsciente. O silêncio era total na sala. Hesitante, Adrian pegou-lhe novamente no pulso e procurou os seus batimentos cardíacos com os dedos. Ao fim de algum tempo, começou a bater levemente com o pé no chão do palco. Lentamente e sem ritmo, ao início. Depois, numa batida cada vez mais regular e com mais força, até a pulsação de Vincent regressar ao normal.

Vincent abriu os olhos e pegou na mão de Adrian com um sorriso cauteloso. Aquele número nunca arrancava grandes aplausos do público;

as pessoas ficavam demasiado abaladas pela experiência, demasiado inseguras sobre o que realmente tinham presenciado. Mas Vincent sabia que era algo de que iriam falar durante meses.

— Lembrem-se — disse para o público, as mesmas palavras com que havia começado, mas agora num tom muito mais suave. As pessoas estavam vulneráveis e Vincent tinha de respeitar isso. — Eu não consigo contactar espíritos nenhuns. Na verdade, acho que ninguém o consegue fazer, porque não acredito que os espíritos existam. O que consigo fazer, na verdade, é dar a ideia de que isso acontece, tal como um médium, que pode ser igualmente convincente. As mesmas técnicas psicológicas e verbais usadas há cento e cinquenta anos ainda são usadas hoje em dia, para dar a impressão de que alguém que cobra muito dinheiro à hora pode entrar em contacto com os vossos entes queridos que já não estão entre nós. Como sempre, quando alguma coisa parece demasiado boa para ser verdade, geralmente é. Obrigado por terem vindo esta noite.

Vincent abandonou o palco antes de o público começar a aplaudir. Queria deixá-los em reflexão, desta vez.

Sentia a garganta dorida, aquele maldito cinto magoava-o. Tinha de ter mais cuidado. Além de que hoje também parara a pulsação durante demasiado tempo. O contacto com os espíritos podia ser falso, mas parar a pulsação era real. Apesar de o fazer através de outro método que não com o cinto e de o estrangulamento da pulsação acontecer apenas no braço e não no corpo todo. O facto de haver técnicas para parar a pulsação em certas partes do corpo era um dos segredos mais bem guardados do mentalismo, e Vincent nunca revelara a ninguém como o fazia. Porém, era indiferente ser apenas no braço; ao fim de trinta segundos, tornava-se igualmente muito perigoso. Na maior parte das vezes, as pessoas largavam o seu braço assim que a pulsação parava, mas Adrian continuara a segurá-lo. Pelo que Vincent não tivera escolha. Não via a hora de terminar esta temporada de espetáculos; não era nada bom bloquear o fluxo sanguíneo no corpo tantas vezes.

Desceu para a *green room* e viu as garrafas de água mineral em cima da mesa. Três garrafas. Cerrou os maxilares; a visão das três garrafas era como ouvir um tom dissonante. Abriu o frigorífico rapidamente e retirou

outra garrafa, de forma a restarem quatro. Só então é que os seus maxilares relaxaram. Depois encheu um copo com água da torneira, sentou-se no sofá e soltou um suspiro profundo.

O público continuava a aplaudir lá fora, mas Vincent não deu importância. Seria demasiado fácil voltar ao palco, sorrir abertamente e transformar a experiência em algo inofensivo; pelo contrário, ele preferia que ficassem perplexos, de volta dos seus pensamentos.

Descansaria um pouco e depois mudaria de roupa. Andava a praticar não se deitar no chão depois de cada apresentação; por vezes resultava, normalmente não. Pegou no telemóvel. Sains Bergander, o amigo de Vincent que construía ilusões e o ajudara na investigação do homicídio de Tuva e dos outros homicídios associados, estava na plateia, e Vincent tinha curiosidade em saber o que ele achara do novo espetáculo. Sains enviara-lhe uma mensagem no preciso momento em que Vincent deixara o palco — constatou-o na notificação. Mas a mensagem de Sains teria de esperar; talvez outras pessoas o tivessem contactado.

Mais especificamente, outra pessoa.

Vincent acedeu à aplicação das mensagens e, tal como pensara, tinha algumas por ler. Mas não a que estivera à procura, aquela que viria da pessoa que mudara a sua vida quando se tornara parte dela. Aquela com quem ousara partilhar o seu eu mais íntimo. E que depois desaparecera da sua vida tão depressa como entrara.

Fora em outubro que a vira pela última vez. Depois viera o inverno, a primavera, o verão, o outono... O verão chegara entretanto. Não falava com ela há mais de um ano e meio. Quase dois. Não que Vincent tivesse tentado contactá-la, por muito que quisesse. Mas ele e Maria tinham começado a fazer terapia de casal e Vincent queria evitar que os ciúmes da sua mulher fossem acicatados desnecessariamente. Acabariam por abandonar as sessões de terapia, uma vez que não os ajudara tanto como seria de esperar. Mas nessa altura já tinha passado demasiado tempo, e Vincent não queria intrometer-se depois de vários meses de silêncio. Sabia que ela defendia a sua privacidade e tinha de respeitar isso. Mesmo que sentisse falta da intimidade.

Claro que também não havia motivo para ela entrar em contacto com ele. Ela deixara claro que preferia cuidar de si própria, e Vincent não fazia

a menor ideia de como a sua vida era hoje em dia. Talvez estivesse casada, tivesse constituído família. Talvez vivesse no estrangeiro.

Porém, não conseguia evitá-lo. A primeira vez que a vira, tinha sido depois de um espetáculo. Desde então, continuava a procurá-la todas as vezes que saía do palco. Não obstante, a lista de mensagens no seu telemóvel falava por si.

Mina também não o contactara esta noite.

Amanda retirou os óculos e sorriu para ele. Depois, cruzou uma perna sobre a outra e inclinou-se para a frente na cadeira. Estavam sentados de frente um para o outro, sem nenhuma mesa pelo meio. Ao início, Ruben achara aquilo extremamente desconfortável, sentia-se exposto. Mas depois habituara-se. De tal maneira que nem tentava olhar-lhe para o decote quando ela se inclinava. Já não. E Amanda estava muito longe de ser pouco atraente.

— Quer dizer que estou pronto? — perguntou Ruben, e olhou para o relógio.

Só estava ali há meia hora, mas Amanda já parecia pronta para terminar o encontro.

— Pronto acho que nunca ninguém está — respondeu ela. — Mas já não vejo razão para continuar a vir aqui, a não ser que surja algo novo. Mas isso não me cabe a mim decidir. O que é que o Ruben sente?

Ruben olhou para Amanda, a psicóloga com quem se encontrava duas quintas-feiras por mês, há mais de um ano. O que é que sentia? Outra pergunta de merda, mas que já não o irritava tanto como ao princípio.

— O que eu sinto?... Podemos deixar isso para o Freud — respondeu. — Se há alguma coisa que aprendi aqui, foi que as minhas emoções não precisam de ser aquilo que eu penso que são. Aquilo sobre o que eu escolho *agir* já não são as minhas emoções, mas sim os meus pensamentos racionais. Tal como me abstive de ter sexo durante meio ano. Por mais que o meu lado emocional queira ir para a cama com alguém.

Amanda ergueu uma sobrancelha num questionamento silencioso.

— Não, não tenho andado no engate, de todo — confirmou Ruben. — Tal como combinámos. É isso que quero dizer, não vou abster-me completamente; afinal, sou um homem na flor da idade, mas já não me parece

tão essencial, o centro de tudo, agora que compreendo a necessidade que esse comportamento tentava colmatar.

— E qual era essa necessidade?

Ruben suspirou. Voltavam ao mesmo, afinal. Aos malditos sentimentos.

— Dava-me uma sensação de poder, saber que conseguia engatá-las, às mulheres. Mas também satisfazia uma necessidade mais profunda de poder... — Suspirou novamente. — De sentir proximidade com alguém — acabou por dizer, contrariado. — Satisfeita?

*Sentir proximidade.* Era uma expressão que jamais imaginara dizer em voz alta. Soava tão apanascado. Mas mesmo uma reflexão desse tipo era um mecanismo de defesa, já tinha aprendido isso. Merda. O seu colega Gunnar e os outros da velha guarda morreriam a rir se soubessem que Ruben andava numa psicóloga. Gunnar era feito de madeira do Norte, como ele próprio costumava dizer. A sua solução para todos os problemas era ir para a floresta com um garrafão de bagaço. Os homens iam provavelmente pintar-lhe o capacete de cor-de-rosa se ouvissem as coisas que ele dizia a Amanda. Lançou outro olhar para o relógio na parede. Passava um pouco das oito e meia, já devia estar na sede da Polícia àquela hora, antes que alguém começasse a perguntar-se o que é que ele andava a fazer certos dias de manhã. A sua desculpa habitual, que fora obrigado a levar algum engate da noite anterior a casa, só podia ser usada um número limitado de vezes.

Engate, pois sim. Já mal se lembrava como se fazia. Claro que tentara automaticamente engatar Amanda nas primeiras vezes que se encontraram. Não tinha corrido lá muito bem.

— Só tenho de fazer mais uma coisa — disse. — Quero encontrar-me com a Ellinor.

— Ruben — disse Amanda, em tom de advertência. — Recorde-se daquilo que dissemos sobre seguir em frente. A Ellinor tem pairado sobre si como um fantasma durante todos estes anos, e o seu comportamento foi uma reação a isso. Liberte-se dela. O trabalho que desenvolveu aqui no consultório não ficará concluído enquanto não se livrar desse fantasma.

— Eu sei, mas é exatamente por isso que quero encontrar-me com ela. Para lhe pôr um ponto final. Prometo que só pretendo dizer-lhe olá.

Desmanchar o pedestal em que a coloquei. Para que o velho Ruben fique sem combustível.

— Isso parece-me... invulgarmente lúcido, vindo de si — disse Amanda, semicerrando os olhos para ele. — Tem a certeza?

— O pior que pode acontecer é ter de lhe pagar por precisar de mais algumas horas de terapia — respondeu Ruben, a rir.

Mas a verdade era que estava completamente seguro. Era um Ruben melhor agora do que há um ano. Gunnar bem podia fechar a matraca.

Levantaram-se os dois e Ruben apertou a mão de Amanda. Pela centésima vez, resistiu à tentação de lhe perguntar se queria ir beber um copo com ele. O pensamento não era problemático, desde que não passasse disso. Afinal de contas, continuava a ser Ruben. Além do mais, tinha outras coisas para fazer. Descobrira onde Ellinor vivia, ia ser só um rápido «olá». Ver como ela estava. E um pedido de desculpas. Depois, estaria pronto.

Vincent inspirou profundamente antes de entrar para preparar o pequeno-almoço. Maria, a sua mulher, andava às voltas na cozinha há mais de uma hora. Vincent sabia que o cheiro que o iria atingir naquele momento seria igualmente avassalador e intrusivo. E assim foi. Diferentes variedades de velas perfumadas, misturas de ervas em sacos de pano, sabonetes e ambientadores formavam uma barragem de odor que o envolveu como um cobertor molhado.

— Querida, durante quanto tempo é que vamos ter todas estas coisas cá em casa? — perguntou ao retirar uma chávena do armário da cozinha.

Calhou-lhe uma com o texto «Eu não sou infantil, tu é que és um cocó de cão». Serviu-se de café da cafeteira, antes de se sentar à mesa da cozinha.

— Não te lembras de nada do que a terapeuta disse? — perguntou Maria, sentada no chão. — Sobre ser importante tu apoiares o meu empreendedorismo e as minhas ideias de negócio?

A sua mulher nem se virou para ele, ali onde estava, sentada de costas, a embalar cuidadosamente pequenos anjos de cerâmica numa grande caixa.

— Sim, lembro-me, claro. E sabes que eu te apoio em tudo o que quiseses fazer. A loja *online* em que te lançaste é uma... ah... ideia interessante... só acho que seria melhor se guardasses a tua mercadoria... num armazém?

Maria suspirou profundamente. Continuava de costas.

— Como o Kevin explicou, os armazéns são caros de arrendar — respondeu. — E tendo em conta que o teu novo espetáculo ainda não rendeu aquilo que custou produzir, bem, então tenho de ser eu a adulta da família e assumir a responsabilidade pelas nossas despesas.

Vincent olhou fixamente para ela. Era o argumento mais lúcido que ouvia da sua mulher há anos. Aqueles cursos de «faça você mesmo» que ela

frequentara talvez não tivessem sido um desperdício, afinal. Mesmo que, para ser sincero, estivesse cansado de ouvir o nome daquele formador, Kevin, ser mencionado por tudo e por nada.

Vincent sabia que Maria era uma pessoa sempre em busca de algo, fazia parte da sua natureza encontrar alguém que pudesse seguir. Mas que o seu guru mais recente viesse a ser um consultor de negócios?... Isso ele não estava à espera.

— Responsabilidade? — disse Rebecka, que acabara de aparecer na cozinha. — Isso é só uma maneira de torrar dinheiro. Quem é que compra essas merdas?

Nos últimos tempos, Rebecka parecia ter permanentemente colada ao rosto uma expressão mal-humorada. Com ar de quem se sentia repugnado, levantou uma grande placa branca de madeira e leu o texto em voz alta.

— «Vive, ri, ama.» Oh, pá, por favor. Devia era ser: «Morre, chora, odeia.»

— Não sejas mazinha — advertiu Vincent.

Porém, lá no fundo, até concordava com a filha.

— O Kevin diz que eu tenho um instinto fantástico para detetar coisas com potencial comercial — respondeu Maria, com um olhar irritado para a enteada.

Rebecka ignorou-a e foi até ao frigorífico, abrindo a porta.

— Mas que merda?! Aston!!

Rebecka gritou na direção da sala de estar e recebeu um berro de volta.

— O QUE FOI?!

— Acabaste com o leite nos teus cereais e voltaste a guardar o pacote vazio no frigorífico?

— NÃO ESTÁ NADA VAZIO. AINDA HÁ UM RESTINHO!

A voz de Aston ecoou entre as paredes. Rebecka lançou um olhar ostensivo para Vincent enquanto virava lentamente o pacote de leite ao contrário. Caíram três pequenas gotas ao chão.

— Mas o que é que estás a fazer? — perguntou Maria, e levantou-se. — Limpa isso!

Ao levantar-se, deixou cair o anjo de cerâmica que tinha no colo. A figura estilhaçou-se em mil pedaços. Aparentemente, o material era fino como cristal.

— Oh, não! Vê só o que fizeste, Rebecka!

— Eu?! — reclamou a adolescente. — A culpa dessa merda não é minha! Tu é que és uma desajeitada e estás a tentar pôr as culpas em cima de mim. O que também já é costume, a culpa é sempre minha. E tu, pai, nunca dizes uma palavra em minha defesa; simplesmente, permites que ela me trate como lhe apetece. Não tenho paciência para isto, não aguento estar aqui. Vou para casa do Denis.

Vincent abriu a boca para responder, mas tarde demais; Rebecka já estava a caminho da porta da rua.

— Vens para casa o mais tardar às oito da noite! — advertiu Maria atrás dela. — Hoje ainda é quinta-feira!

— Estou de férias! — gritou Rebecka de volta, agarrando no fino casaco de verão e batendo a porta com força.

— Obrigadinha pela ajuda — disse Maria, olhando para Vincent com os braços cruzados. — Leva mas é o Aston para o ATL, vão chegar atrasados.

Vincent voltou a fechar a boca, era melhor não dizer nada. Continuava sem saber como lidar com aquelas tempestades emocionais; o que quer que dissesse, corria sempre o risco de ser a coisa errada. Portanto, a sua nova estratégia era não dizer mesmo nada.

Percorreu as suas memórias para se lembrar de algo que a terapeuta de casais dissera, algo que lhe pudesse ser útil naquele momento. Não era uma tarefa simples, pois tinha sido difícil receber ajuda de alguém cuja área profissional ele conhecia melhor. Não obstante, tentara sempre manter-se humilde.

Ao início, levantara-se a questão de Vincent também fazer terapia a título individual, para processar os acontecimentos relacionados com a sua mãe quando era pequeno, acontecimentos esses que Vincent passara quarenta anos a reprimir. Mas Vincent recusara-se, não ousava deixar ninguém andar ali a esgravatar. Havia uma sombra dentro de si que guardava aquele lugar com muito cuidado; não havia ninguém em quem ele confiasse o suficiente que pudesse ali deixar entrar.

Vincent tivera esperança de que a terapia funcionasse como uma espécie de cura milagrosa, em que ele e Maria pudessem encontrar o caminho de volta um para o outro, ao permitir-lhe a ele começar a compreender

a maneira de ela pensar, como fizera em tempos. E a ela a não se deixar consumir pelos ciúmes de cada vez que ele se encontrava noutra cidade, o que era incrivelmente cansativo para os dois, uma vez que o trabalho de Vincent era precisamente andar de terra em terra. E tinham realmente tentado. Acima de tudo, Maria tinha tentado.

A terapeuta sugerira o óbvio, que a raiz dos ciúmes se encontrava na falta de autoestima de Maria. E talvez também nas circunstâncias em que Vincent e Maria se tinham juntado, quando ele deixara a sua então mulher Susanne pela irmã mais nova desta, Maria. No entanto, Vincent sabia que não era assim tão simples. Havia algo mais em Maria que nem ela nem a terapeuta tinham conseguido identificar, e que a punha em modo de ataque assim que Vincent prestava atenção a alguma coisa ou alguém fora do lar e da família. No fundo, sabia que não era realmente culpa de Maria reagir da forma como reagia, era o seu instinto. O mesmo instinto que agora fazia com que olhasse para ele como se Vincent fosse um extraterrestre. E, como tantas vezes antes, Vincent só desejava conseguir perceber o que Maria queria dele.

Tinha sido tão fácil ao início. Quando a paixão os levava a deixar o resto para trás, a ignorar tudo e todos, a não pensar em nada que não tivesse que ver com o seu amor. Vincent ainda se lembrava dessa sensação, continuava a existir algures dentro dele. A memória de como concluíam as frases um do outro, de como conseguiam comunicar apenas com o olhar. Porém, era como se, de ano para ano, fossem perdendo a capacidade de perceber a linguagem um do outro. Como se se compreendessem cada vez menos, embora devesse ser ao contrário. Vincent nunca quis que fosse assim; simplesmente, não sabia o que fazer para conseguir voltar a alcançá-la. Como fazer para se encontrarem *um ao outro* novamente.

Era evidente que Maria estava à espera de que ele dissesse alguma coisa. E talvez fosse possível socorrer-se de uma pérola de sabedoria das sessões de terapia. A terapeuta sugerira que Vincent mostrasse sempre consideração por Maria quando ela ficasse enervada, mesmo que achasse que ela estava a ser injusta, para criar uma sensação de segurança. Essa segurança, por seu lado, daria a Maria uma base melhor para exprimir os seus sentimentos de uma forma mais construtiva, antes de os sentimentos

se transformarem em raiva. Não costumava correr muito bem, mas também não lhe custava nada tentar.

— Maria, amor, estou a ver que estás zangada — disse Vincent com um tom de voz deliberadamente suave e calmo. — Mas sabes que a raiva não é boa para o teu corpo. De certeza que já reparaste que estás com os músculos contraídos, as articulações... mas assim a circulação sanguínea também abranda e o equilíbrio natural fica perturbado, tanto ao nível do sistema nervoso central como na vertente cardiovascular e hormonal. Além disso, a pressão arterial aumenta juntamente com a frequência cardíaca e os níveis de testosterona, e também produzes um excesso de bÍlis, que vai parar a zonas do corpo onde não devia estar.

Maria olhou para ele com as sobrancelhas erguidas. Os conselhos da terapeuta pareciam estar a surtir efeito.

— Quando te zangas, a atividade no teu cérebro também se altera — continuou Vincent. — Principalmente nos lobos temporal e frontal. Portanto, como te disse, não te faz bem zangares-te. Talvez possas tentar comunicar com a Rebecka de uma forma mais construtiva?

Vincent calou-se e ousou fazer um sorriso cauteloso. Maria estava a olhar para ele. Depois retorceu a boca como se tivesse dado uma dentada num limão, virou as costas e foi-se embora.

A felicidade de estar de regresso ao trabalho fez com que os seus olhos se enchessem de lágrimas. Julia nunca pensara que fosse possível ansiar tanto por voltar a estar entre as quatro paredes da (para ser sincera) bastante feia sede da Polícia, em Kungsholmen. Para tornar o dia ainda mais memorável, estava um calor tipo sauna, e o sistema de ventilação parecia ter-se avariado mesmo a tempo de Estocolmo experienciar o verão mais quente de que havia memória. Julia abanou-se com uma folha de papel e abriu a porta da sala de reuniões. Para os colegas, aquela talvez fosse apenas uma quinta-feira como as outras, mas para ela era o paraíso.

Pelo menos até ter de lhes contar o porquê de se encontrarem ali.

— Julia! — exclamou um homem de barba com o olhar radiante quando ela entrou na sala.

Espantada, Julia percebeu que era Peder.

— Não é uma barba de *hipster*, é uma barba de pai — disse Peder, satisfeito, ao ver a expressão de Julia.

— É uma barba de *hipster*, digas o que disseres — resmungou Ruben, que entrou logo a seguir a Julia. — A nossa sorte é que está demasiado calor para continuares a usar aquela boinazinha que usaste a primavera toda.

Claramente, tudo era como dantes, mas, se não estava enganada, Mina e Christer também pareciam relativamente contentes por voltar a vê-la.

— Parabéns atrasados — murmurou Christer.

*Bosse*, o *Golden Retriever*, estava deitado ao seu lado a ofegar, precisamente no mesmo lugar em que Julia o vira pela última vez, seis meses antes. Porém, desta vez, o cão estava demasiado acalorado e sem energia para a cumprimentar adequadamente. Em vez disso, Julia recebeu um olhar de felicidade e um breve latido.

— Sim, parabéns! — disse Mina, olhando aterrorizada para o *blazer* de Julia.

Julia olhou para o ponto no seu ombro esquerdo onde o olhar de Mina parecia ter-se fixado e praguejou em voz alta.

— Porra, não há uma única merda de uma peça de roupa sem manchas de vomitado?!

Despiu rapidamente o *blazer* e estava prestes a pendurá-lo nas costas da cadeira quando, olhando para Mina, se deteve; então, pendurou-o num cabide junto à porta.

— Por enquanto, é só papa — disse Peder, com um sorriso compreensivo. — Isso sai facilmente. Espera só até ser banana ou aquelas mistelas num boião. Mas só funciona embebendo as nódoas em *Vanish*; aquele em pó é o melhor, vem numas embalagens cor-de-rosa. E depois tens de lavar tudo a noventa graus, de preferência com lixívia, por isso, na verdade, só devíamos usar roupa branca ao início...

— Vou ter isso em mente — disse Julia, com a mão levantada num gesto a indicar que ele ficasse por ali. — E bom dia para vocês também.

Já andava suficientemente ocupada com o trabalho hercúleo de ter de cuidar de um bebé de seis meses. Não precisava de começar a sofrer por antecipação com as fases seguintes.

— Então... É bom estar de volta e é ótimo ver-vos a todos aqui. Claro que continuei a acompanhar o vosso trabalho de perto durante o tempo que estive ausente, e vocês deixam-me orgulhosa. Mina, a tua liderança durante este período merece um elogio, mas agora estou feliz por estar de novo aqui, pronta e ansiosa para recomeçar. Talvez não tenha descansado o suficiente desde ontem, mas não se pode ter tudo.

Julia soltou uma gargalhada pouco entusiasmada. Em parte, queria contar-lhes sobre as discussões que a tinham levado a entrar hoje pela porta da sede da Polícia. Como tinham sido as discussões que a levaram a compreender que a relação de igualdade de género em que acreditara viver afinal fora apenas uma ilusão, uma ilusão que sobrevivera durante tanto tempo simplesmente porque ainda não tinha sido submetida à pressão de cuidar de uma criança. Os argumentos com que fora confrontada tinham sido precisamente os mesmos argumentos que, em tempos, a haviam feito suspirar quando os ouvia das suas amigas. Que ela estava biologicamente mais preparada para cuidar de um bebé. Que era absolutamente impossível para Torkel ausentar-se do trabalho; aparentemente, tudo iria

desmoronar-se se o fizesse. A empresa iria falir, o PIB da Suécia cairia a pique, o euro entraria em colapso, a catástrofe espalhar-se-ia pelo mundo todo e causaria a destruição imediata da Terra.

Porém, o que mais a revoltava era o facto de terem feito um acordo. Tinham combinado que Julia ficaria em casa os primeiros seis meses, e Torkel os seis meses seguintes. Ambos tinham pedido licenças parentais e ambas foram concedidas. Aquilo de que Julia não se apercebera era que, da parte de Torkel, não passara tudo de uma encenação. Torkel nunca acreditara que ela queria realmente dividir a licença por igual. Julia ainda conseguia ver a sua expressão de choque quando, na semana anterior, o recordara de que iria voltar ao trabalho na quinta-feira. Aparentemente, Torkel pensara que ela «ia acabar por se aperceber de que queria continuar em casa com o Harry, que não iria *querer* voltar para o trabalho», fim de citação.

Tinham ficado sem se falar durante vários dias.

Quando se preparara para sair, há apenas uma hora, era como se um estranho estivesse à sua frente. Com um olhar de pânico e raiva e o cabelo no ar, a divagar sobre «apego», «herança biológica» e que «tinha de falar com o chefe». Por fim, Julia limitara-se a passar-lhe Harry para os braços e apressara-se a sair pela porta. Ainda não tinha tido coragem de olhar para o telemóvel.

— Bem-vinda de volta — disse Ruben, sorrindo para ela como um lobo.

Julia tentou ignorar o facto de ele parecer estar com dificuldade em tirar os olhos do seu peito. Deixara de amamentar há uma semana, mas os seus seios pareciam não ter recebido a mensagem. As suas copas B eram mais uma coisa que ansiava por voltar a ver; ela e as copas E nunca tinham chegado a tornar-se amigas.

— Mas olha, se estás exausta agora, tenho aqui a melhor coisa para te animar antes de começarmos — disse Peder alegremente, e pegou no telemóvel.

— Outra vez não — gemeram Mina, Christer e Ruben em unísono.

Peder pareceu não reparar neles. Colocou o telemóvel na mão de Julia e mostrou-lhe um vídeo.

— São as trigémeas — anunciou num guincho. — Estão a cantar a música do Anis Don Demina do Festival da Eurovisão! Não são a coisa mais fofa?!

Julia viu três crianças de fralda, a balançar-se entusiasticamente fora de ritmo, à frente de uma enorme televisão. Assumiu que eram superfofinhas, só que tinha alguma dificuldade em apreciá-las naquele dia em particular, quando a última coisa que queria era ver mais crianças pela frente.

— Espera, vou aumentar o volume — disse Peder. — Elas também cantam.

Os gemidos dos outros na sala tornaram-se ainda mais altos.

— Obrigada, acho que já percebi — disse Julia, e devolveu-lhe o telemóvel. — Muito fofinhas. Seja como for, sugiro que comecemos de imediato. Ontem à tarde recebemos uma queixa sobre uma criança raptada, de seu nome Ossian Walthersson, cinco anos de idade. No entanto, houve um engano e a queixa não foi classificada como prioritária. O erro só foi detetado esta manhã.

— Oh, meu Deus! — exclamou Peder. — Isso assim não pode ser.

— Pois não, mas aconteceu. De qualquer forma, a direção atribuiu-nos o caso; teremos de lhe dar prioridade máxima.

Mina assentiu com a cabeça e bebeu um grande trago de água de uma garrafa. Quando pousou a garrafa em cima da mesa, pareceu fazer um esforço para colocá-la o mais longe possível da barba de Peder. *Bosse* também pareceu reparar no gesto; levantou-se e aproximou-se de Mina com um olhar agradecido e a língua pendurada.

— Christer! — disse Mina. — Se o cão tem de estar aqui, certifica-te de que lhe dás água. Se ele se aproximar mais um centímetro da minha garrafa, vais comprar-me uma nova.

— Não sejas exagerada — suspirou Christer. — Na verdade, as línguas dos cães são muito limpas. Mas, realmente, mais vale trazer para aqui uma tigela com água, tendo em conta o tempo que vamos passar nesta sala agora. Isto também não é divertido para o *Bosse*, sabem?

Christer fez sinal ao cão, que olhou para Mina com um ar extremamente reprovador antes de se sentar de novo aos pés do dono. Julia ponderou explicar a Christer que as línguas dos cães não eram nada limpas, que tinham uma flora bacteriana completamente diferente da dos humanos e que algumas dessas bactérias eram simplesmente perigosas. Mas o olhar amoroso que Christer fez a *Bosse* levou-a a desistir.

— Já me tinha esquecido de que isto mais parece uma creche — comentou. — Vamos lá concentrar-nos e começar a trabalhar o mais rápido possível. O nosso grupo também vai ser reforçado por uma pessoa com experiência num caso semelhante, um negociador... do grupo de negociação... bem, é um bocado irritante não se decidirem por um nome, mas vocês sabem do que é que estou a falar.

Julia fez uma pausa e viu as expressões de espanto na sala.

— De facto, porque é que o departamento deles não tem nome? — perguntou Peder.

— É pura psicologia — respondeu Julia. — Se não tiverem nome, então não existem enquanto grupo. E assim torna-se mais difícil para os criminosos saberem quem eles são.

— Uau! — exclamou Peder, erguendo as sobrancelhas.

— Enfim, ele já não faz parte dessa equipa e vai ser um suplemento bem-vindo ao nosso pequeno grupo. Além disso, também tem algumas ideias sobre o caso Ossian. Deve estar a chegar.

— Precisamos mesmo de mais pessoas? — perguntou Mina, franzindo a testa.

— Estás a dizer que já te chega aturar-nos a nós? — retorquiu Christer, rindo-se e fazendo um gesto com o cotovelo na direção de Mina.

Obviamente, Christer conhecia a colega o suficiente para evitar o contacto visual direto. Mas Julia antecipara a reação de Mina; Mina Dabiri não era fã de mudanças. Principalmente se implicassem novos relacionamentos humanos. Mas se alguém podia beneficiar disso, era Mina. Desde que o caso relacionado com Vincent terminara, no outono de há dois anos, Julia não vira Mina falar com mais ninguém, ou sobre mais alguém, além dos seus colegas. E assumia que Mina não teria florescido socialmente de repente, durante os meses em que Julia estivera de licença de maternidade. Não haveria mal nenhum em aumentar um pouco o círculo de contactos entre os colegas de Mina.

— Deve ter sido mais uma invenção da chefia por motivos políticos — comentou Christer, ao mesmo tempo que coçava o queixo de *Bosse*, de quem recebeu um olhar afetuoso em troca.

— A igualdade de género e a diversidade estão muito na moda agora. Mas, como já temos duas fêmeas, deve ser um panasca ou mercadoria importada!

— Christer! — sibilou Peder bruscamente, lançando um olhar severo ao colega mais velho. — Foi por causa desses comentários que fizeram com que tu viesses aqui parar. Será que nenhum dos cursos financiados pela Autoridade Policial surtiu qualquer efeito em arrancar-te da Idade da Pedra?

Christer suspirou e coçou as orelhas de *Bosse*.

— Oh, estava só a brincar — disse, envergonhado. — As pessoas são tão suscetíveis hoje em dia, não se pode dizer nada. Além de que não fiz nenhum juízo de valor, coisa que devias saber se tivesses feito o mesmo curso que eu.

— Mas a escolha de certas palavras tem claramente...

Um discreto bater na porta interrompeu Peder, fazendo-os todos virarem-se na mesma direção.

— *Timing* perfeito — disse Julia, estendendo o braço para a porta. — Deixem-me apresentar-vos o nosso novo membro, Adam Balondemu Blom.

— Que pronúncia impressionante! — exclamou o homem, ao entrar na sala com um sorriso. — Mas Adam Blom chega perfeitamente.

*A senhora é muito, muito má. Disse que tinha cãezinhos, mas não tem. Mas o carro dela é um carro de corridas a sério; parece-se com os brinquedos que ela tem, mas é um carro grande e a sério.*

*Quando ela veio à escola ontem, perguntou-me se eu queria experimentar sentar-me no carro de corridas, e eu queria. Mas depois ela começou a andar, disse que íamos voltar, que só íamos andar um minuto para eu sentir que o carro de corridas era rápido. Mas não voltámos. Não voltámos para a escola.*

*Então, fiquei com medo. Com muito medo.*

*Senti a barriga como quando a água desaparece da banheira num remoinho. Como se estivesse a ser sugada para baixo e para dentro.*

*Contei-lhe que me sentia assim, mas ela não respondeu.*

*Depois andámos muito tempo no carro. E agora estamos na casa dela. Quero ir ter com a minha mãe e o meu pai, não quero estar aqui. A senhora diz «daqui a pouco». É sempre «daqui a pouco». E depois diz para eu parar de chorar.*

*Também estão aqui outras pessoas. Outros crescidos. Não conheço nenhum deles e tenho medo. Entram e saem, dizem que eu posso jogar Roblox no tablet o tempo que quiser, mas eu não quero. Isto é esquisito e não cheira como na nossa casa.*

*Durante a noite olho para o teto o tempo todo. Está completamente escuro, não há luz nenhuma.*

*Chamo pelo meu pai. E depois pela minha mãe. Mas nenhum deles vem.*

*— Ossian, só vais estar aqui algum tempo — diz a senhora de manhã.  
— Uns dias. Depois podes voltar para casa.*

*Dão-me comida, mas é nojenta e também não quero comer. Pergunto-lhe porque é que tenho de estar aqui, mas ela não me responde. Ninguém responde. Só me dizem para parar de chorar. Que vai ficar tudo bem.*

*As vozes deles são simpáticas, mas os olhares não são simpáticos.*

Mina observou com curiosidade o novo acrescento ao grupo, mas tentou fazê-lo de forma discreta. Nem todos eram igualmente discretos. Ruben, por exemplo, olhava de forma fixa e desinibida, e não sem uma certa hostilidade. Mina não se espantou com a reação do colega; Adam Blom era um magnífico exemplar em termos físicos, com bíceps bem desenvolvidos e músculos abdominais que se destacavam claramente através da sua *T-shirt* branca justa. Divertida, reparou que Ruben, inconscientemente, se endireitou e encolheu a barriga.

Ela, pela parte que lhe tocava, não se interessava particularmente por corpos musculados e esculturais; preferia um corpo masculino esguio e elegante, com uma postura orgulhosa e um físico mais seco do que encorpado. De preferência, vestido com um fato bonito e com... Mina sobressaltou-se, irritada. Por vezes, os seus pensamentos corriam nas direções mais estranhas. Obrigou-se a concentrar-se e escutou o que Julia estava a dizer, junto ao quadro branco. Julia mantinha uma expressão séria, que indicava que estava prestes a dizer algo importante.

— Como já referi, coube-nos investigar o desaparecimento do Ossian Walthersson.

— Cinco anos de idade — disse Peder, com um tom de voz atormentado.

Mina compreendeu porquê; uma criança desaparecida era o pior pesadelo de todos os pais, e não era possível uma pessoa distanciar-se, nem sequer um polícia experiente. Além de que Peder também tinha filhas pequenas. Embora Mina estivesse estado nessa situação há já muito tempo, era extremamente fácil colocar-se no mesmo lugar.

— Exato. Suspeita-se que o Ossian tenha sido sequestrado ontem, do jardim de infância em Södermalm. Claro que temos de interrogar todas as pessoas envolvidas o mais depressa possível, mas também há algumas

semelhanças entre o desaparecimento do Ossian e um caso anterior. Os chefes pediram-nos que prestássemos atenção a isso.

Julia virou-se para o novo membro do grupo.

— Adam, talvez possas explicar melhor este último aspeto?

Adam aclarou a garganta. Julia sentou-se e, com o olhar, encorajou Adam a tomar o seu lugar. Adam levantou-se e colocou-se à frente do quadro branco, com confiança. Mina invejou a facilidade com que o novo colega parecia ser capaz de se colocar à frente de um grupo de pessoas desconhecidas e, provavelmente, céticas. No que lhe dizia respeito, sentia-se sempre ligeiramente desconfortável, mesmo em contextos em que deveria sentir-se à vontade.

— Primeiro, gostava de falar um pouco de mim e de onde venho.

Christer lançou um olhar insinuante a Peder. Se estivesse com ideias de perguntar a Adam se estava a referir-se ao Quênia ou à Gâmbia, Mina expulsaria pessoalmente o velho da sala. Com o cão e tudo.

— Venho da equipa de negociação — continuou Adam. — Estivemos envolvidos desde muito cedo no caso da menina Lilly Meyer, aberto há um ano. Tínhamos motivos para acreditar que o desaparecimento dela estava relacionado com uma disputa de custódia extremamente hostil entre os pais. Supôs-se que alguém da família a teria levado, e por isso fui chamado, para o caso de haver necessidade de negociar com o raptor.

— Foi encontrada morta mais tarde, certo? — perguntou Peder, com a voz abafada.

Mina recordava-se perfeitamente do caso, apesar de já ter passado um ano desde o trágico acontecimento. Explodira como uma bomba; a menina fora encontrada sob uma lona, numa doca na zona de Hammarby Sjöstad, a escassos metros de um quiosque de gelados muito frequentado. A comunicação social atirara-se com unhas e dentes aos investigadores responsáveis por não terem sido capazes de encontrar um suspeito do crime, apesar de a criança ter sido identificada imediatamente. Os pais tinham feito declarações à imprensa. O caso continuava a ser um assunto tóxico no seio da Polícia de Estocolmo. E, acima de tudo, era um caso que ficara por resolver.

*Bosse* pareceu aperceber-se do estado de espírito de Peder; esgueirou-se por baixo da mesa até ao lugar dele e pressionou o focinho contra o seu

joelho. Enojada, Mina viu a mancha húmida que o nariz do cão lhe deixou nas calças.

— Precisamente. A Lilly desapareceu e foi encontrada morta no início do verão. Encontraram-na no Lugnets Terrass, o grande cais de madeira com zona de piqueniques em Hammarby Sjöstad, na outra margem do porto de Norra Hammarby.

— Mas não tinham chegado à conclusão de que estava mesmo relacionado com a disputa da custódia? — perguntou Ruben com um tom ligeiramente agressivo. — Tal como disseste? Então, o que tem isso que ver com o nosso caso? E a que propósito é que havíamos de precisar de alguém da equipa de negociações?

Mina reparou que Ruben continuava a encolher a barriga; devia estar verdadeiramente desconfortável.

— Sim e não. Ainda não foi identificado nenhum perpetrador, e a única descrição que temos é de um casal mais velho que se encontrava nas proximidades. Esse relato foi feito por uma educadora do jardim de infância altamente perturbada, que também não olhou para eles com muita atenção. E, claro, as suspeitas de que se tratou de alguém da família permaneceram e não foram de forma alguma afastadas da investigação. Mas... pessoalmente, acho que não tem que ver com a família, sobretudo agora, que temos um *modus operandi* quase idêntico no caso do sequestro do Ossian.

— Como assim, idêntico? — perguntou Mina com a testa franzida.

— Foi levado do jardim de infância por um estranho que ninguém viu — respondeu Adam. — São coisas que acontecem com muito menos frequência do que as chamadas séries de crimes realistas na televisão nos querem fazer acreditar. Quando alguém é raptado na vida real, geralmente são os familiares que estão por trás. Às vezes, o plano é levar a criança de volta para um país de origem. Outras vezes, é um dos pais que tenta ficar com a criança, depois de uma disputa de custódia. Mas isto assim, com perpetradores desconhecidos tanto por nós na Polícia como pelos funcionários das escolas? Diria inclusive que nunca tinha acontecido. Aconteceu agora, porém, duas vezes. E a direção considera que os conhecimentos que eu tenho do caso da Lilly podem ser úteis à vossa equipa. Mas não temos muito tempo; posso partilhar de forma rápida e eficiente tudo o que tenho,

tanto aquilo que está escrito nos relatórios como aquilo que só se encontra nas entrelinhas.

— Estou completamente de acordo com a direção em relação a o Adam ser um complemento valioso a esta investigação — disse Julia, fixando o olhar em Ruben. — Portanto, podemos avançar agora? Ruben, o que dizes?

Ruben murmurou algo impercetível, mas assentiu com a cabeça.

— A Lilly foi encontrada ao fim de três dias, não foi? — perguntou Christer, limpando o suor da testa com a manga da camisa.

O calor dentro da sala de reuniões era opressivo. Mina tentou controlar os sentimentos de desconforto.

— Então, se o Ossian desapareceu ontem, e repetindo-se o mesmo procedimento, provavelmente não temos muito tempo para o encontrar — continuou Christer.

— Esperem lá — interveio Peder. — Estão a dizer que a mesma pessoa atacou outra vez?

— Por enquanto, não temos nenhuma teoria — respondeu Julia, aclarando a garganta. — Mas, como dissemos, o procedimento parece ser o mesmo. Portanto, estamos a trabalhar no pressuposto de que temos muito pouco tempo. Na verdade, pediram-me para fazer uma conferência de imprensa já esta tarde. Até lá, quero que o Adam e o Ruben entrevistem os funcionários do jardim de infância do Ossian. Mina e Peder, vocês falam com os pais.

— Não pode ser o Adam e o Christer a ir à escola? — perguntou Ruben, olhando para o relógio. — Tenho um compromisso daqui a um bocado.

— Preciso do Christer para dar uma vista de olhos na base de dados de agressores sexuais — respondeu Julia. — Quero uma lista de todos os que foram libertados no último ano. Só para jogarmos pelo seguro. E, Ruben, segundo me consta, tu ainda és agente da Polícia. Neste momento, esta é a tua prioridade máxima.

— Parece que os teus encontros do Tinder vão ter de esperar — comentou Mina.

— A base de dados será — suspirou Christer. — Outra vez.

— Eu nem sequer tenho conta no Tinder — bufou Ruben. — Não preciso disso para nada. Ao contrário de ti, Mina. A solteirona que preferia ir para um convento.

Mina pegou no seu telemóvel e segurou-o à frente do rosto de Ruben. Depois procurou ostensivamente na lista de aplicações e transferiu o Tinder de forma que Ruben pudesse vê-lo.

— Está melhor assim? — perguntou. — A tua preocupação com o meu bem-estar já foi mais ou menos mitigada para que possas fazer o teu trabalho?

Mina planeava apagar a aplicação assim que a reunião terminasse.

— Ordem na turma, por favor — pediu Julia em voz alta. — Vamos ao trabalho. Este é um caso sério.

Adam estava ao seu lado, com ar de quem não sabia muito bem onde se meter.

— Como podes ver — disse Julia com um suspiro ao virar-se para ele —, provavelmente não somos o grupo mais... disciplinado com que já trabalhaste. Mas somos bons. A maior parte do tempo.

— Ainda bem — respondeu Adam com ar sério. — Porque, como tu própria disseste, já passou um dia. O tempo urge.

Christer não aguentava trabalhar no seu gabinete abafado, pelo que levou o computador para a zona de *open space*. Pegou no telemóvel e olhou fixamente para os sessenta e quatro quadrados pretos e brancos no ecrã. Na realidade, o jogo acabara há muito tempo, ele é que tinha dificuldade em aceitá-lo.

Christer sempre tivera a ideia de que era relativamente bom jogador de xadrez. Não porque tivesse jogado muitas partidas ao longo da sua vida, mas achava que *deveria* ser bom no jogo. Era uma coisa que andava de par com os restantes atributos da sua vida, o *whisky*, a solidão, a música *jazz*. Bem, deixara de estar totalmente sozinho desde que *Bosse* entrara na sua vida, mas o cão também se integrava bem naquela imagem.

Não obstante, a perceção que tinha das suas próprias habilidades no xadrez alterara-se no mesmo dia em que encontrara uma aplicação gratuita do jogo. Desde então, jogava quase diariamente, tanto no telemóvel como no computador. Começara há quase seis meses e continuava no nível de principiante. E ainda não ganhara uma única partida. Christer suspirou, assinalou a derrota na aplicação e voltou a pousar o telemóvel. Não valia a pena continuar a adiar o que realmente tinha de fazer.

Mina apareceu e sentou-se ao seu lado com um computador portátil.

— Posso ajudar-te, se quiseres. Começemos? — perguntou-lhe. — Não temos tempo a perder.

— Sim, vamos lá então — respondeu Christer, desalentado. — Que bom, a base de dados dos agressores sexuais. Viva!

Desanimado, olhou para a sua chávena de café. Estava frio. E parecia estar ali há bastante tempo. Suspirou alto, o que fez *Bosse* inclinar a cabeça para o lado, preocupado.

— Deita-te, rapaz. O pai vai só trabalhar um bocadinho ao computador. Tens aí água e a tua cama.

Coçou o cão atrás das orelhas. Satisfeito com a atenção, *Bosse* deitou-se na cama depois de dar três voltas ritualizadas sobre si próprio.

— E pronto — disse Christer, abrindo o programa. — Vamos lá ver que escumalha é que desencantamos aqui.

Sentia-se sempre dividido em relação àquele trabalho. Ficar sentado hora após hora, página atrás de página, à procura de uma agulha num palheiro. Uma tarefa ingrata e fatigante que lhe era repetidamente atribuída a ele. Pronto, tudo bem, Mina estava ali para o ajudar, o que era simpático da parte dela. Mas, a maior parte das vezes, tinha de o fazer sozinho.

Já ninguém lhe perguntava se queria ir apanhar arruaceiros no centro da cidade. Não que Christer quisesse fazê-lo, mas, ainda assim, seria bom perguntarem-lhe de vez em quando. Nem que fosse apenas como uma cortesia entre colegas. Como um pequeno reconhecimento da sua experiência e todos os seus anos de patrulha. Claro que preferia não ter de o fazer, mas, ainda assim.

— Vou ver se houve algum mandado de captura na mesma altura do desaparecimento da Lilly — disse Mina. — Para o caso de estarmos mesmo a lidar com um reincidente. Enquanto isso, podes confirmar quem está em liberdade.

— Parece-me bem — respondeu Christer, e começou a procurar.

Coluna atrás de coluna, numa longa lista de escória humana. Se as pessoas em geral soubessem quantos indivíduos horrendos há por aí, nunca sairiam de casa. E partidos como o Futuro da Suécia enganavam as pessoas com a conversa de que os únicos indivíduos perigosos com que precisavam de ter cuidado chamavam-se Ahmed ou Mohammed, mas ali estava Christer, lendo linha atrás de linha nomes como «Sven Westin», «Karl-Erik Johansson» e «Peter Lundberg». Brancos como a neve, todos. E gostavam de atacar crianças. Todos tinham aquele tipo de aspeto que, mais tarde, levava as pessoas a fazer declarações como «Ele era tão simpático. Nunca ninguém teria pensado que...». Ou: «Deve ter havido algum mal-entendido, ele foi sempre tão amável com os meus filhos».

*Bosse* ganiu, a sonhar, e mexeu as patas como se estivesse a correr. Christer perguntou-se o que é que o cão estaria a perseguir. De qualquer forma, não deviam ser pedófilos. Mesmo que valesse a pena perseguir-los. Que horror! Esperava que Julia estivesse enganada, que os homens e as

mulheres que passavam agora no seu monitor não tivessem nada que ver com o desaparecimento de Ossian. O mundo não precisava de se tornar ainda pior do que já era.

Christer olhou à sua volta pelas outras mesas. O *open space* estava mais vazio do que o normal. Período de férias. Muitos colegas estavam provavelmente a emborcar cervejas em Sandhamn nalgum veleiro, ou a fotografar as formações rochosas na ilha de Gotland ou a fazer pequenos trabalhos de marcenaria numa cabana na floresta.

Mina levantou-se.

— Preciso de beber café — anunciou. — Por mais quente que esteja aqui dentro. Queres que traga para ti também? Só te posso ajudar durante mais um bocado, depois tenho de ir com o Peder entrevistar os pais do Ossian.

Christer assentiu com a cabeça, sombrio. O tempo continuava a passar e tinham de encontrar os sequestradores de Ossian. Christer quase conseguia ouvir os ponteiros do relógio a marcarem os segundos. Tinha muitas horas de pesquisa pela frente, à volta dos nomes dos cabrões mais doentios dos registos policiais. Sem dúvida que precisava de mais cafeína.

— Somos nós as pessoas indicadas para fazer isto? — perguntou Peder, e engoliu em seco.

Mina apercebeu-se de que ele não queria dizer «nós», mas sim «eu». Como «eu, que tenho filhos».

— Se achas que não vais conseguir, podes ficar aqui — respondeu Mina, com brandura. — Posso ir sozinha. Por mim, não há problema nenhum.

Peder abanou a cabeça.

— Não, não, faz parte do trabalho. Eu sei. Vamos lá despachar isto.

Dirigiram-se para um dos carros-patrolha na garagem e Mina deixou Peder sentar-se no lugar do condutor. Conduzir dar-lhe-ia outra coisa em que se concentrar que não aquilo que tinham pela frente. Para jogar pelo seguro, Mina também desviou o tema de conversa para as filhas de Peder, uma manobra de diversão que funcionava sempre. Olhou através da janela do carro e deixou os seus pensamentos vaguearem livremente, enquanto Peder falava pelos cotovelos ao seu lado.

— ... e depois, esta manhã, assim de repente, a Meja saiu-se com «flocos de aveia» — ouviu Peder dizer, obviamente a meio de uma história. — Já viste que inteligente que é a miúda? Só tem três anos e a maior parte das crianças de três anos diria «papa», mas ela diz claramente «flocos de aveia». Acho que vamos ter de a pôr numa escola para sobredotados. Já ouvi pessoas dizerem que pode ser um desafio tão grande ter filhos sobredotados como ter filhos com outros desafios, mas vamos ter de lidar com isso quando for a altura, tanto eu como a Anette dizemos o mesmo. E depois temos a Majken, que achamos que vai singrar no desporto; devias vê-la subir aos baloiços na creche. Bem, o equilíbrio que ela tem, e a força, sim, acho que vai ser uma atleta de elite, por isso já estamos a preparar-nos psicologicamente para ter de a levar de um lado para o outro por causa dos torneios e coisas assim. E a Molly, então, o jeito que ela tem com animais

é absolutamente incrível. No outro dia levou para casa um pássaro com a asa partida e tivemos de lhe fazer uma cama numa caixa de sapatos cheia de algodão, e ela cuidou dele como uma verdadeira mãe pássaro. Infelizmente, o passarinho acabou por morrer, mas a sensibilidade para os animais... é como se conseguisse falar com eles, a sério, por isso há que contar com uma futura veterinária, é o que eu digo, talvez no parque Kolmården, ou nalgum jardim zoológico, e também acho que...

Mina olhou novamente pela janela e deixou o entusiasmo de Peder entrar por um ouvido e sair pelo outro. Passaram pela praça Stureplan, que estava repleta de gente com óculos de sol caros, roupas elegantes e bronzeados perfeitos. A esplanada do restaurante Sturehof estava lotada e os copos de rosé brilhavam ao sol. Mina invejou os momentos despreocupados ao sol e o modo como as pessoas pareciam ter todo o tempo do mundo. Já ela estava ali sentada com o coração apertado, a caminho de uma conversa com um casal de pais desesperados que não sabiam onde estava o seu filho de cinco anos. E o tempo talvez estivesse rapidamente a esgotar-se. Como acontecera com Lilly.

Tom, o educador do jardim de infância, parecia mais infeliz do que Ruben pensava ser possível para um homem adulto. A colega de Tom, Jenya, e a diretora da escola, Mathilda, também estavam sentadas na pequena sala dos professores da creche de Backen. Com Ruben e Adam, a sala ficou sobrelotada. As janelas estavam todas abertas para trás, o que não parecia ajudar em nada, pensou Ruben. O suor na testa de Tom parecia prestes a escorrer-lhe pelo nariz e pelas faces.

Ruben tentou recompor-se. Quando Julia começara a reunião da manhã, a cabeça de Ruben já estava na casa de Ellinor, a ponderar o que iria dizer-lhe. Ruben pensara que iria ser uma reunião rápida para desejar as boas-vindas a Julia e que depois poderia meter-se no carro, a caminho. Em vez disso, caíra-lhes o caso de Ossian em cima da mesa, e Ruben tinha de se concentrar nisso agora. Não na ideia de que, em breve, iria encontrar-se com alguém que o perseguia como um fantasma há mais de dez anos. Teria todo o tempo do mundo para pensar em Ellinor a seguir, quando despachasse o assunto que o levava ali. Mas Ossian tinha de ser encontrado de imediato; Ossian precisava que ele, Ruben, fizesse o seu trabalho.

Afastou Ellinor dos seus pensamentos e olhou para as restantes pessoas enfiadas como sardinhas em lata naquela sala de professores do jardim de infância. Porém, antes de ter tempo de dizer alguma coisa, Adam começou a falar.

— Então... — disse o seu novo colega. — Em relação aos acontecimentos de ontem. Como é que ninguém reparou que o Ossian desapareceu?

Por amor de deus, que maneira mais drástica de ir direto ao assunto! Não era suposto Adam ser um especialista em negociações? Até Ruben sabia que não se podia iniciar uma entrevista com uma acusação! Aquelas pessoas já pareciam estar a pensar que iam acabar todas na prisão; ele e Adam nunca conseguiriam obter nada de significativo da parte delas se

se sentissem pressionadas. Tom olhava fixamente para os desenhos que estavam pendurados numa das paredes, onde as crianças, com diferentes graus de sucesso, pareciam ter feito retratos dos seus educadores.

— Estamos apenas a tentar determinar onde cada pessoa se encontrava quando o Ossian foi levado — disse Ruben no tom mais amigável que conseguiu.

Tom parecia querer afundar-se num buraco no chão. Retirou um lenço de papel de uma caixa de cartão que estava em cima da mesa e limpou o rosto.

— As crianças andam por todo o lado quando estamos lá em cima no parque de Skinnarvik — acabou por responder. — Não as conseguimos ver a todas o tempo todo. E as crianças mais velhas não precisam da mesma supervisão que as mais pequenas. Mas elas sabem que não podem sair do parque sem avisar, e costumamos contá-las de quando em quando. O facto de não ter visto o Ossian durante alguns minutos não seria nada de anormal.

Tom fez uma pausa e olhou novamente para os desenhos. Um deles representava uma figura masculina surpreendentemente detalhada, pintada dentro de um grande coração. Na camisola do homem havia um «T» verde. No canto do desenho viam-se as palavras *opp opp* escritas numa letra irregular mas cuidada, assim como a assinatura do artista. Ossian. Subitamente, Ruben sentiu um nó na garganta e precisou de engolir em seco.

— O mundo deles... — disse Tom com a voz rouca. — O *nosso* mundo costuma ser um lugar seguro.

— Sim, nós compreendemos — disse Adam. — Mas o facto é que vocês falharam tanto em termos de segurança como de atenção.

Mas que raio! Ruben começou a compreender por que motivo Adam tinha deixado a equipa de negociações. As lágrimas caíam pelo rosto de Tom.

— O que é perfeitamente normal, errar é humano — continuou Adam. — Não estou a fazer nenhum juízo de valor com esta afirmação. Mas vocês têm de compreender que é esta a atitude que vão enfrentar. Principalmente da parte dos outros pais. Quanto mais soubermos sobre o que realmente aconteceu, mais fácil será ajudar-vos a transformarem as

atitudes dos outros em empatia. — Adam desviou os olhos de Tom e focou-se em Mathilda, a responsável. — O que seria do vosso interesse, tendo em conta que vieram tão poucas crianças para a creche hoje — acrescentou.

Pronto, Adam talvez não fosse assim tão inútil, afinal. Mas isto não era nenhuma negociação, era uma conversa, algo em que Adam obviamente não tinha grande experiência. Ruben não conseguiu deixar de se sentir satisfeito; Adam bem podia ficar ali sentado com os seus abdominais perfeitos e os seus quase dois metros de altura. No final, cabia-lhe a ele, Ruben, gerir a situação.

— O que queremos saber — disse — é se vocês viram, ou sabem, de alguma coisa que nos possa ajudar nas buscas. Por exemplo, sabem quem era a mulher que o veio buscar?

Jenya abanou a cabeça. Não parecia de todo tão transpirada como Tom, apesar de estar a usar hijabe. Ruben resistiu ao impulso de lhe perguntar se não sentia um calor dos diabos com o tecido à volta da cabeça. Assumiu que ela já teria ouvido essa pergunta mais vezes do que as que conseguia contar.

— Falámos com os miúdos todos — disse Jenya. — É impressionante quão bem eles conhecem tanto os pais uns dos outros como os irmãos mais velhos. Mas ninguém tinha visto aquela mulher antes.

Adam levantou-se e foi até à janela que dava para a colina de onde Ossian tinha desaparecido. Parecia estar a ponderar algo. Depois, foi novamente sentar-se.

— Então, estamos de volta onde começámos — disse Adam. — Como é que nenhum de vocês a viu? Tendo em conta que as crianças a viram... Não vos parece um bocado estranho?

— Espero que não esteja a insinuar que a minha equipa tem alguma coisa que ver com isto — disse Mathilda, com os olhos arregalados. — Ou que estão a esconder alguma coisa. Posso garantir que tanto o Tom como a Jenya são os melhores educadores de infância com que alguma vez trabalhei. Têm o meu apoio total; não sei se faz muito sentido continuarmos esta conversa sem representação legal, se está a pensar ficar aí sentado a acusar-nos.

Ruben abriu os braços num gesto dissuasor. Que belo trabalho, a meter advogados na conversa, só lhes faltava essa. Se Adam continuasse a cavar

buracos como este onde estavam a enfiar-se, Ruben teria de se lembrar de trazer uma pá, no futuro. Na verdade, não se importava muito; até gostaria de assistir quando Adam caísse nas armadilhas que ele próprio montara. Porém, não quando os escassos resultados pudessem manchar também a sua reputação.

— Parece-nos simplesmente que ela não queria ser vista — disse Ruben com mais cuidado. — Então, esperou pela altura certa. Isto não aconteceu por acaso, ninguém está a acusar-vos de nada.

A conversa pareceu tranquilizar um pouco Mathilda.

— Uma última pergunta — acrescentou Adam. — Uma coisa que não estou a conseguir perceber. Isto de ele ter saído do parque com ela de livre vontade. O Ossian costuma confiar em pessoas que não conhece?

— Não, mas é fascinado por carros de corrida — respondeu Tom em voz baixa. — *Lamborghini, Koenigsegg, Porsche*, conhece as marcas todas e os modelos. Não interessa se são verdadeiros ou feitos de cartão. Desde que pareçam ser rápidos. E, de preferência, vermelhos.

— E esta mulher tinha carros, já percebi — constatou Adam, assentindo com a cabeça.

— Pelo menos foi o que disse à Felicia. Carros e cachorrinhos. Não há nenhum motivo para a Felicia ter inventado isso. Se os cachorros existiam ou não, isso é outra história. A Felicia não chegou a vê-los.

— E ninguém viu a mulher antes — repetiu Ruben, olhando para os seus apontamentos. — O que não quer dizer que ela não conheça o Ossian. Notaram alguma diferença no comportamento dele nos últimos tempos? Ou no dos pais, já agora?

Tom abanou a cabeça.

— Não, tem sido tudo como de costume. Uma semana de verão como outra qualquer. Até... até ontem, portanto.

— Muito bem — disse Adam, e levantou-se. — Obrigado pela vossa ajuda. Acho que é tudo.

Mathilda levantou-se para os acompanhar à saída. Ruben sentiu-se ligeiramente impressionado com ela. Normalmente, as pessoas eram demasiado submissas para ousarem tomar a iniciativa na presença da Polícia. Mas Mathilda não. Quando fora preciso, comportara-se como uma leoa a defender o seu grupo. Além de que também tinha uma aparência bastante

decente. A questão era se seria igualmente dominante entre os lençóis. Em tempos, Ruben teria tido todo o prazer em descobrir a resposta, mas agora teria de contentar-se em ficar sem saber. Maldita psicóloga.

— Claro que também vamos fazer uma investigação interna rigorosa — disse Mathilda, e estendeu-lhe a mão. — Vocês têm toda a informação de que dispomos neste momento. Agradecia que nos mantivessem informados sobre as buscas. Estamos bem cientes da nossa responsabilidade nesta situação, não tenham qualquer dúvida.

Ruben e Adam apertaram a mão aos três funcionários. Tom estendeu uma mão frouxa; estava com ar de quem se sentia realmente mortificado. Iria provavelmente demorar algum tempo a conseguir regressar ao trabalho.

— Bem jogado, Ruben — disse Adam quando saíram. — Fazer um *good cop, bad cop*. Ficámos rapidamente a saber tudo o que eles sabiam. E a rapidez é um fator realmente importante agora.

Ruben olhou fixamente para o novo colega. Será que todos os negociadores pensavam que estavam num filme? Daquilo que Ruben sabia, a equipa de negociações era especialista em construir relações pessoais e em fazer com que os rufias confiassem neles. Adam agira de forma totalmente oposta. Ao mesmo tempo, Ruben tinha de dar a mão à palmatória; haviam realmente conseguido obter toda a informação que era possível obter.

— Mas, da próxima vez, quero ser eu o *good cop* — acrescentou Adam. Pois, claro que sim. Ruben teria de se lembrar de levar a tal pá.

Vincent olhou pela janela do escritório da ShowLife Productions, na avenida Strandvägen. O sol da tarde estava alto no céu e cintilava magnificamente na água do arquipélago. Mas Vincent não apreciava naquele momento o efeito dos raios de sol contra a superfície da água. Em vez disso, estava completamente ocupado a tentar imaginar-se a si próprio a ser projetado por uma catapulta ou a rastejar através de uma sala cheia de insetos. Vestido com roupa de ginástica justa ao corpo. Vincent estremeceu, as imagens que tinha na cabeça eram tudo menos apelativas.

— Não sejas tão relutante — disse Umberto atrás das suas costas. — Isto vai ser bom para a tua imagem. Precisamos de mostrar o teu lado mais... mais humano. Se for possível.

Vincent deixou a janela e sentou-se novamente. Desta vez, os biscoitos caseiros primavam pela sua ausência da mesa do agente. Isso poderia significar que ele e Umberto tinham voltado a ter um relacionamento mais próximo e informal, mas também poderia significar que Umberto estava a ficar farto dele. Não obstante, os quatro brigadeiros de fabrico industrial que se encontravam em cima da mesa sinalizavam que ainda não estava completamente entregue à sua sorte.

— Mas, a sério, o *Prisioneiros do Forte*? — perguntou Vincent com ceticismo, pegando num brigadeiro assim que viu que Umberto estava prestes a fazer o mesmo. Ficaram duas bolinhas no prato. Alguma ordem tinha de tentar manter. — Tem de haver outro programa de televisão qualquer que seja mais... mais eu. Se é que tenho mesmo de aparecer na televisão.

Umberto suspirou e inclinou-se para a frente, o queixo apoiado nas pontas dos dedos.

— Vincent, *amico mio*, escuta-me. O meu trabalho é garantir que o maior número de pessoas compra bilhetes para os teus espetáculos e apresentações. O que é que acontece se não o fizerem?

— Tu ficas sem rendimentos — respondeu Vincent.

— Exatamente. Mas, acima de tudo, ficas *tu* sem rendimentos. É muito simples, na verdade, é economia do mais básico que há. Para poderes continuar a sustentar-te com aquilo que fazes, precisamos de vender mais bilhetes, tendo em conta que os nossos custos aumentaram. E eu sei, a vida correu-nos de feição durante algum tempo, graças ao que aconteceu com a Jane. Mas esse interesse não vai perdurar por tempo indeterminado. O que significa que mais pessoas precisam de ser lembradas da tua existência e, mais importante ainda, de preocupar-se contigo. O que, por sua vez, significa que tens de ser disparado de um canhão na televisão, de vez em quando.

Vincent tentou não mostrar quão stressado tudo aquilo o deixava. O *Prisioneiros do Forte*, portanto. P N P. Letras com as posições 16, 4 e 6. 1646. Quando Benjamin era pequeno, Vincent comprara-lhe um conjunto de legos com peças misturadas. As pessoas que levavam os modelos de Lego a sério, o que Vincent costumara fazer primeiro com Benjamin e, mais recentemente, com Aston, mencionavam sempre os números dos artigos dos modelos, pois podia haver vários conjuntos de construção que representavam a mesma coisa. E tinha quase a certeza de que a caixa de peças de Benjamin tinha o número de artigo 1646. O que, evidentemente, era uma ligação puramente aleatória entre o *Prisioneiros do Forte* e o Lego. Por outro lado, as letras «L», «E», «G», «O» tinham as posições 12, 5, 7 e 15 do alfabeto. E # 125715 era o código de cor hexadecimal para o verde-musgo. Aproximadamente a mesma cor verde-água à volta do Fort Boyard, onde o programa *Prisioneiros do Forte* era gravado. Pelo menos na maré vazia. Tudo está interligado. Quando realmente se quer.

— Vincent! — disse Umberto num tom rígido. — Para onde é que foste?

Pelo tom de voz, parecia que Umberto já tinha chamado o nome de Vincent algumas vezes sem que ele o ouvisse.

— Lego — respondeu-lhe.

Umberto abanou a cabeça.

— Tens de fazer isto — insistiu o agente.

Vincent assentiu devagar com a cabeça, sem saber realmente o que teria acontecido para estar ali sentado sequer a considerar a proposta.

No entanto, Umberto tinha provavelmente razão, e Vincent teria de começar a treinar a sério. Não havia dúvidas de que o *Prisioneiros do Forte* exigiria mais dele fisicamente do que aquilo que ele conseguia dar neste momento. O exercício físico também era uma boa maneira de se manter ocupado durante o verão, para que os pensamentos não se desviassem para as coisas erradas.

Para Mina, por exemplo.

Umberto pegou num dos dois brigadeiros que restavam e Vincent suspirou. Nem sequer lhe apetecera o primeiro que tinha comido, quanto mais um segundo. Porém, não tinha escolha. Um único brigadeiro no prato seria uma coisa praticamente obscena, simplesmente não era possível. Pegou no último e reparou num sorriso no canto da boca do seu agente. Maldito Umberto. Fizera aquilo de propósito.

— Então, imaginemos que aceitamos participar no programa — disse Vincent. — Quando é que começariam as gravações?

— Daqui a cerca de um mês.

Vincent engasgou-se com um pedaço da bolinha de chocolate. Cerca de um mês? Teria de contratar um treinador pessoal já para esta tarde.

*Eles dizem para ele não ter medo. Que coisa mais esquisita de dizer; como é que ele não ia ter medo? Não o deixam ir para os pais e não lhe querem dizer onde é que os pais estão. Se calhar, aconteceu alguma coisa ao papá e à mamã.*

*A Ebba da creche tem uma mãe que morreu. O avô e a avó da Ebba foram buscá-la e os educadores disseram que a Ebba tinha de ir para casa. A mamã dela tinha morrido com uma coisa chamada canco.*

*E se o pai e a mãe também tivessem canco?*

*E se tivessem morrido?*

*E é por isso que o foram buscar à escola. Mas porque não foram o avô ou a avó a ir buscá-lo então? Encolhe-se no colchão, que tem um cheiro esquisito. Tudo tem um cheiro esquisito ali.*

*Já deixou de chuchar no dedo há muito tempo, na verdade. É um menino crescido agora, não precisa de chuchar no dedo. Além de que os dentes podem ficar tortos se puser o polegar na boca durante muito tempo, foi o que a avó disse.*

*Mas agora precisa do polegar.*

*O corpo está cansado e pesado, não dormiu a noite toda. Só pensou na mamã e no papá e no canco. Ouve vozes muito ao longe, mas não parecem ser do papá e da mamã.*

*Fecha os olhos. Se dormir um bocado, talvez eles estejam ali quando acordar.*

O apartamento na rua Bellmansgatan era pequeno, mas acolhedor. Tudo evidenciava o facto de que vivia ali uma criança. Por entre os sapatos à porta, estava um saco de plástico com uma caixa de legos por abrir. Era um carro de corridas. Havia brinquedos espalhados um pouco por todo o lado no *hall* de entrada. Era claramente uma família ativa. Desenhos afixados na porta do frigorífico, juntamente com fotografias de férias, restos do pequeno-almoço de uma criança permaneciam na mesa, flocos ressequidos numa tigela de plástico.

— Desculpem a confusão. Nós...

A mãe de Ossian, Josefin, não terminou a frase. O seu olhar parecia ausente, e Mina assumiu que estava sob o efeito de um potente calmante. Mas Fredrik, o pai de Ossian, tinha um olhar firme e focado. Um ligeiro tremor da mão ao apontar para um conjunto de sofás brancos do IKEA foi a única coisa que revelou o que se passava no seu interior.

— Anda, meu amor, vamos para aqui.

Fredrik tocou suavemente no braço de Josefin e puxou-a com cuidado em direção ao sofá. Josefin seguiu-o e, mais do que sentar-se, deixou-se cair. Acariciou o tecido com a mão. Via-se uma grande mancha no tecido claro.

— Devíamos ter pensado duas vezes antes de comprarmos sofás brancos quando tínhamos acabado de ter um filho. Mas pensávamos... pensávamos que ia ser como nas revistas para mães e nos programas da televisão. Um bebé contente e balbuciente que está sempre a dormir. Pensámos... que não íamos ter problemas nenhuns. Eu e o Fredrik fizemos equitação quando éramos adolescentes, pensámos que, para quem já tinha tomado conta de cavalos temperamentais e caprichosos, uma criança não traria dificuldade nenhuma. Mas depois... veio ele...

— Josefin, não precisamos de...

Fredrik pousou a mão no braço da mulher, mas Josefin afastou-a a soluçar.

— Ele nasceu e só gritava e gritava e gritava. Constantemente. O dia todo. Estava tão zangado... E eu não conseguia perceber porque é que ele estava sempre tão zangado o tempo todo. Era como se ele odiasse o mundo, nos odiasse a nós. E eu queria... eu desejei... às vezes desejei que nunca o tivéssemos tido, que tudo voltasse ao que era antes de ele nascer, que nos tivéssemos contentado só um com o outro. Eu sei que não se pode dizer estas coisas, que nunca nos podemos arrepender de ter filhos. Mas nós tínhamos uma vida tão boa, Fredrik. Lembras-te de como a nossa vida era boa?

Josefin virou-se para o marido, que assentiu com a cabeça.

— Josefin, estás em estado de choque, sentes-te culpada e só queres encontrar uma explicação — disse Fredrik. — Não faças isso. Mas, sim, lembro-me. — Tentou novamente colocar-lhe a mão no braço, e, desta vez, Josefin não o afastou. — Lembro-me de que foi realmente difícil, no início — confirmou Fredrik. — Nisso tens razão. Mas depois ultrapassámos as dificuldades, não foi? Ultrapassámos. Juntos. Ele deixou de estar sempre tão zangado, é uma criança contente e satisfeita. *Oppa Gangnam Style*, não é? Claro que às vezes se zanga, mas a maior parte do tempo está contente. E fica tão concentrado quando está a construir os legos. Não é, querida?

Josefin assentiu com a cabeça, em silêncio e sem olhar para o marido.

— Sim, é uma criança feliz. Mas pensa na quantidade de vezes, ao início, que eu desejei que ele não existisse. Imagina que o *karma* se acumulou, que alguém me ouviu e achou que era mesmo verdade, e agora... agora vieram cobrar.

O rosto de Fredrik contorceu-se. Soltou o braço de Josefin e olhou fixamente para o tapete branco estampado.

— Não é nada disso, sabes perfeitamente. E ele vai voltar, eu sei que vai. Ele vai voltar. Só se foi... embora... durante algum tempo. — Fredrik olhou para o relógio. Depois ergueu o olhar e encarou Mina. — Não é assim? Não costumam sempre ser encontrados? Só passou um dia, precisamente um dia. Deve estar quase a voltar para casa, não é?

Mina engoliu em seco. Ela melhor que ninguém soubesse que as pessoas desapareciam. E que não voltavam. Mas ela desaparecera por vontade própria. O que não era o caso de Ossian.

— A maior parte das pessoas desaparecidas volta logo ao fim de algumas horas — respondeu Mina. — O Ossian está desaparecido há um dia, o que é um pouco mais do que o normal, mas por enquanto não temos motivos para acreditar que não vai ser encontrado rapidamente. É a nossa prioridade máxima, neste momento.

Mina evitou mencionar que as crianças que voltavam ao fim de algumas horas normalmente estavam apenas perdidas ou tinham ido para casa de algum amigo sem avisar ninguém. Não costumavam ter sido raptadas da escola por mulheres com o carro cheio de brinquedos. Mina também conseguia sentir o *stress* por Ossian ainda não ter sido encontrado em cada célula do seu corpo.

— Falem-nos sobre a manhã em que ele desapareceu — pediu Peder aos pais. — Houve alguma coisa que vos tenha chamado a atenção? Não viram nada quando o deixaram no jardim de infância? Talvez uma pessoa que não tenham visto antes na zona...

— Eu é que o levei — disse Josefin, continuando a acariciar a nódoa no sofá. — Sabem que os anúncios não são verdade? Dos detergentes que conseguem livrar-se de tudo... Já experimentei com todos os produtos disponíveis no mercado, pré-tratamentos... lavei com detergente para roupa branca a noventa graus... e mesmo assim não sai. Acho que esta mancha em particular é de chocolate. Deixei-o comer um ovo *Kinder* no sofá, mas ele queria apanhar um brinquedo, então pousou as metades de chocolate ao lado dele. Lembras-te disso, Fredrik? Acho que era um pequeno robô de cinco peças; ele não desistiu enquanto...

A voz de Josefin desapareceu no vazio.

— Querida — disse Fredrik, e Mina notou o esforço enorme que estava a fazer para se controlar. — Querida, concentra-te. A Polícia precisa de saber se viste alguma coisa ontem quando o foste deixar. Qualquer coisa... seja o que for... que os possa ajudar a encontrar a pessoa que levou o Ossian.

— Nada. Não vi nada. Estava tudo como de costume. Pais, crianças. Eu sou aquela mãe que nunca fixa os nomes dos outros pais. Que nem sequer sabe quem é de quem.

— Josefin...

Fredrik acariciou-lhe o braço e Josefin sacudiu-se como um cão molhado.

— Também sou aquela mãe que nunca se lembra quando há reuniões de pais, ou dias de passeio, ou dias temáticos, ou... como ontem de manhã. Ele devia ter levado lanche de casa, mas eu esqueci-me. Como sempre. Ele gostava de panquecas frias. Enroladas. Se eu me tivesse lembrado, poderia ter sido diferente? Será que ele teria...

Josefin calou-se.

— Tenho pena de não podermos ajudar-vos mais — disse Fredrik.

— Há uma coisa que podem fazer por nós — disse Mina. — Com a vossa autorização, queríamos tornar pública a busca pelo Ossian numa conferência de imprensa daqui a algumas horas. O público pode ser uma grande ajuda às vezes.

Fredrik olhou para a mulher, que estava de novo a olhar fixamente para o sofá. Josefin assentiu com a cabeça em silêncio.

— Fazemos o que for preciso. — Levantou-se e foi até ao frigorífico na cozinha, de onde retirou algumas das fotografias afixadas com ímanes coloridos. — Aqui estão algumas fotografias do Ossian — disse, ao regressar. — Creio que vos poderão ser úteis.

Mina reparou que Fredrik segurava as fotografias com a parte de trás voltada para a mulher, para que ela não precisasse de as ver. Josefin sufocou um soluço, um soluço que continha mais tristeza do que a que deveria poder existir numa única pessoa.

— Obrigado — disse Peder. — Lembrem-se de que isto vai estar bastante presente na comunicação social. É por uma boa causa, mas talvez seja melhor evitem os jornais e a televisão durante uns dias.

— Uma última pergunta — disse Mina. — Não há ninguém à vossa volta que instigue a mínima dúvida sobre querer fazer-vos mal, a vocês ou ao Ossian? Ou que pudesse ter algum motivo para querer levá-lo?

Fredrik ponderou a pergunta, mas depois abanou a cabeça decididamente.

— Se tivéssemos pensado nalguma coisa, por mais pequena que fosse, qualquer coisa que achássemos que pudesse ser do vosso interesse, teríamos dito. Mas nós somos... somos pessoas absolutamente normais. Eu trabalho como diretor artístico numa agência de publicidade e a Josefin é coordenadora numa editora de livros. Nós... tivemos infâncias normais, famílias normais, amigos normais... Temos... temos uma vida normal... quero dizer, tínhamos.

Mina viu que a fachada controlada de Fredrik estava prestes a estilhaçar-se. Trocou um olhar com Peder e levantaram-se os dois.

— Nós compreendemos — disse Mina. — O Peder tem três filhas de três anos e eu, eu tenho... — Interrompeu-se a tempo e inspirou profundamente; fora por um triz. Conseguiu sentir o olhar questionador de Peder, mas evitou confrontá-lo. — Vamos fazer tudo o que pudermos para encontrar o Ossian — concluiu.

Josefin continuou sentada no sofá, mas levantou a cabeça e olhou para Mina.

— Nunca compre um sofá branco — disse.

Mina assentiu com a cabeça. Quando saíram pela porta, desviou deliberadamente o olhar dos sapatos de criança no *hall* de entrada.

## ELES PENSAVAM QUE ERA UM SIMPLES RAPTO ESTAVAM ENGANADOS

Quando uma criança de cinco anos desaparece misteriosamente em plena luz do dia do infantário que frequentava, a Investigadora Mina Dabiri e os seus colegas da Polícia de Estocolmo são chamados a assumir a linha da frente da Investigação.

O rapto tem muitas semelhanças com um sequestro anterior que terminou de forma trágica, o que leva Mina a recorrer a Vincent Walder, especialista em linguagem corporal e mentalista, para os ajudar na Investigação. Vincent rapidamente percebe que o caso, repleto de códigos numéricos e mensagens codificadas, parece seguir um padrão de conotações rituais com uma lógica rigorosa por trás.

Sem encontrarem respostas de imediato, mais crianças desaparecem e, à medida que a Investigação avança, fica claro que o tempo se está a esgotar para todos os envolvidos. Parece haver uma seta responsável por todos os comportamentos extremos e ritualísticos ligados ao caso, mas quem está ao comando? E, acima de tudo, com que objetivo?

## O ASSASSINO CALCULOU TODOS OS LANCES E ESTÁ PRONTO PARA O XEQUE-MATE



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 @penguinlivros  
 penguinlivros

ISBN 9789970671110



9 789970 671110 >